Bartolomeu Campos de Queirós * Celso Sisto * Graziela Bozano Hetzel * Marina Colasanti em

Diferentes heróis, Diferentes caminhos

Leia Brasil
MUDANDO O PAÍS PELA LEITURA

1ª edição

Título
Diferentes Heróis, Diferentes Caminhos

Tradução e adaptação
Paulo Condini

Apresentação
Jason Prado

Participação especial
Bartolomeu Campos de Queirós,
Celso Sisto,
Graziela Bozano Hetzel,
e Marina Colasanti

Textos compartilhados
Eliana Yunes,
Maria Aparecida Silva Ribeiro,
Graziela Bozano Hetzel,
Elaine Cristina Rodrigues Gomes Vidas e
Sueli de Oliveira Rocha

Ilustrações
Angela Lago,
Elisabeth Teixeira,
Celso Sisto e
Roger Mello

Projeto Gráfico e Diagramação
Clarice Soter + Eneida Déchery

Organização
Jason Prado e
Ana Claudia Maia

Editora
Leia Brasil -
Organização Não-Governamental de Promoção da Leitura

Praia do Flamengo, 100/902 - Flamengo
Rio de Janeiro CEP:22210-030
Tel/Fax:(21)2245-7108

leia@leiabrasil.org.br
www.leiabrasil.org.br

Tiragem: 1.000

Todos os direitos foram cedidos pelos autores para os fins aqui descritos. Quaisquer reproduções (parciais ou integrais) deverão ser autorizadas previamente.

Os artigos assinados refletem o pensamento de seus autores. Leia Brasil é marca registrada.

Hans Christian Andersen

Traduzido e adaptado por Paulo Condini
1ª edição

Bartolomeu Campos de Queirós * Celso Sisto * Graziela Bozano Hetzel * Marina Colasanti em

Diferentes heróis, Diferentes caminhos

Ilustrações
Ângela Lago, Celso Sisto, Elisabeth Teixeira,
Roger Mello e Hans Christian Andersen

Inclui uma edição especial:

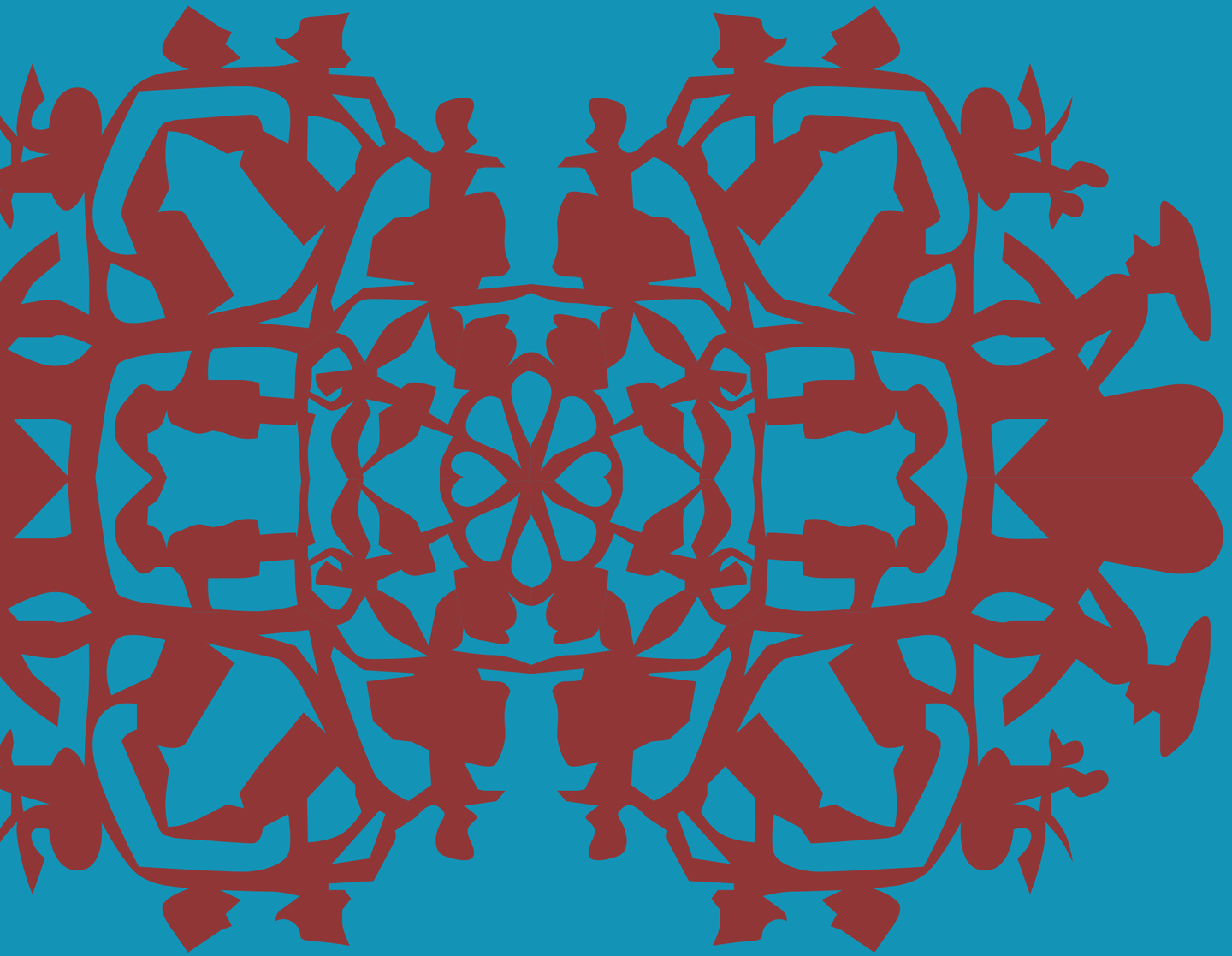
Para ler Andersen

Com
Elaine Vidal, Eliana Yunes, Maria Aparecida Ribeiro,
Maria Clara Albuquerque, Marina Colasanti, Regina Zilberman e Sueli Rocha

Organização
Jason Prado e Ana Cláudia Maia

Leia Brasil
MUDANDO O PAÍS PELA LEITURA

Rio de Janeiro
2008



9 Nossa aventura no mundo das fábulas

11 Parte Um: Diferentes Heróis, Diferentes Caminhos

13 O Patinho Feio, de Hans Christian Andersen

19 Como se fosse, de Marina Colasanti

21 A roupa nova do rei, de Hans Christian Andersen

27 A fantasia nova do rei, de Bartolomeu Campos de Queirós

33 O Soldadinho de Chumbo, de Hans Christian Andersen

37 Tudo outra vez, de Celso Sisto

42 O rouxinol e o imperador, de Hans Christian Andersen

51 Luísa, de Graziela Bozano Hetzel

55 Parte Dois: Para Ler Andersen

56 Regina Zilberman - Andersen de todos os tempos

62 Marina Colasanti - Quando a diferença funda a identidade

74 Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque - Diferentes Heróis, Diferentes Caminhos

78 Eliana Yunes - Que rei é este?

82 Maria Aparecida da Silva Ribeiro - Abrindo a caixa de papelão

86 Elaine Cristina R. Gomes Vida e Sueli de Oliveira Rocha - Um convite à liberdade

94 Eliana Yunes - Um caso todo particular: Andersen e Dostoiévski

Nossa Aventura no Mundo das Fábulas

Jason Prado

Talvez porque falem às crianças que fomos, tocando os pontos onde somos essencialmente humanos – nossos medos do abandono, da fome, da solidão –, algumas histórias, a despeito de sua singeleza e brevidade, nos emocionam às lágrimas, muito mais do que o intenso, triste e violento cotidiano deste começo de século. Principalmente se tivemos o privilégio de conhecê-las na infância, quando ainda não fomos de todo "ensinados" a esconder e a desprezar nossos sentimentos.

Assim são as histórias de Hans Christian Andersen.

Num mundo em que bebês são ensacados e jogados vivos em lagoas, e adolescentes trancafiadas em jaulas com dezenas de adultos sem nada a perder, qual o sentido de se publicar a história de um patinho rejeitado por seus irmãos? Ou de um rouxinol que, ao fugir de uma gaiola dourada, leva consigo as razões de viver de um imperador poderoso?

Essas histórias nos ajudam a estruturar os valores de que precisamos para viver em sociedade.

E se esta é uma das funções da literatura, a nossa, do Leia Brasil, há quase 20 anos: ajudar pais e professores a motivar novos leitores para seus conteúdos.

Escolhemos, então, quatro histórias lindíssimas do genial escritor dinamarquês do século XVIII, para serem compartilhadas por especialistas brasileiros e contemporâneos. Especialistas que, há algum tempo, vêm nos ajudando a fazer as edições dos Cadernos de Leituras Compartilhadas, uma das marcas mais gratificantes do nosso trabalho.

Mas, pelos contornos de encantamento que a obra foi ganhando, entendemos que isto seria pouco. Afinal, o mundo de Andersen já não existe em nenhum outro aspecto além dos registros históricos e da ficção: terras de reis e princesas, bonecos inanimados e espetáculos naturais se sobrepondo às parafernálias eletrônicas; e a opinião de uma criança prevalecendo sobre a opinião pública e os meios de comunicação de massa...

Os valores mudaram. As perspectivas de enfrentamento das diferenças em O patinho feio, por exemplo, sinalizavam para uma direção completamente equivocada para os entendimentos de hoje.

Procuramos, portanto, dar um sentido de atualidade à releitura daquelas histórias. Foi quando convidamos quatro dos mais representativos autores brasileiros para escrever suas versões contemporâneas dos temas abordados por Andersen, resultando em quatro belíssimos pares de histórias.

No projeto gráfico, para dar o colorido desta publicação, além de incluir algumas ilustrações e recortes em papel do genialíssimo Hans Christian Andersen, convidamos quatro brilhantes ilustradores brasileiros, indicados pelos próprios autores.

Já na fase final do projeto, tivemos duas gratíssimas surpresas: Marina Colasanti nos cedeu o direito de publicação de uma conferência sua sobre identidade, e a professora Eliana Yunes nos brindou com a possibilidade de incluirmos um estudo seu sobre um quinto par: desta vez tratando de questões teosóficas, mas trazendo ninguém menos que Dostoievski como "autor convidado".

Assim construímos nosso primeiro livro, que ao mesmo tempo é um livro de histórias infanto-juvenis, e também um livro de compartilhamento de leitura, destinado a instrumentar qualquer pessoa que se interesse por despertar a leitura em crianças e jovens.

Esperamos que você goste e aproveite.

Jason Prado – Diretor Executivo da Leia Brasil – ONG de Promoção da Leitura.

O Patinho Feio

Hans Christian Andersen | Tradução e Adaptação: Paulo Condini

É muito linda a vida no interior, principalmente no verão. Os campos ficam floridos e as cegonhas passeiam suas longas pernas vermelhas, conversando em egípcio que é língua que aprenderam com suas mães. Em volta dos campos erguem-se grandes florestas que ocultam lagos tranqüilos. Sem dúvida, é muito linda a vida no campo.

Banhada de sol e cercada por riachos profundos, havia uma velha fazenda, e junto aos seus muros cresciam enormes chorões, cujas folhas formavam uma pequena floresta. Foi exatamente ali, entre as folhas emaranhadas, que uma pata havia feito seu ninho, e estava deitada sobre os seus ovos.

A pata já estava ficando cansada, pois chocava há bastante tempo e não tinha idéia de quando os patinhos iriam nascer. Sem falar que ninguém vinha visitá-la, pois as outras patas preferiam ficar nadando e conversando ao sol.

Finalmente um ovo depois do outro começaram a romper-se.

– Qüem-qüem! – Faziam os patinhos, pondo as cabeças para fora dos ovos.

– Vamos! – Dizia a mamãe, e os filhotes iam saindo o mais depressa que podiam.

Quando julgou que todos já haviam saído, a pata percebeu que o maior de todos os ovos ainda estava inteiro. Então voltou ao ninho para chocá-lo por mais algum tempo.

"Vou ficar ainda mais um pouquinho." Pensou a pata. "Se já agüentei até agora, posso agüentar mais uns dias".

Finalmente o ovo grande partiu-se.

– Qüem-qüem! – Disse o filhote, saindo para fora da casca.

Era grande, feio e desengonçado. A mãe olhou para ele e pensou:

"Que patinho enorme. É tão diferente dos outros... Vamos ver se, ao menos, ele consegue nadar."

No dia seguinte o tempo estava ótimo. O sol,

muito quente, batia em cheio nas folhas do chorão e a pata levou seus filhotes para o riacho.

Todos os patinhos entraram na água e em pouco tempo aprenderam a boiar e a nadar, inclusive o irmão maior.

A mãe, que não deixava de observá-lo, ficou quase contente, pois ele aprendeu bem mais rápido do que os outros e nadava mais forte. E então chamou-os para apresentar-lhes às outras famílias do terreiro.

– Vamos! – A pata os animou. – Andem direito e cumprimentem as pessoas com as cabeças.

Os patinhos obedeceram, e os outros patos, ao redor, vendo o pequeno bando, criticaram em voz alta:

– Vejam só! Vamos ter mais essa turma aqui dentro. Como se já não fôssemos gente de sobra. E olhem como é feio aquele patinho! Esse nós não vamos aceitar!

Dito e feito. Uma pata voou para a ninhada e bicou o patinho feio.

– Deixa-o em paz! – A mãe protestou. – Ele não faz mal a ninguém!

– Pode ser. Mas ele é muito grande e muito feio. – Disse a pata que o bicara. E isto é o quanto basta.

– Seus filhos são muito bonitos. – Disse outra pata – Menos aquele grandão. Por que você não dá um jeito nele?

– Não há nenhum jeito a dar, minha senhora. – A mãe respondeu. – Ele é meu filho, nada melhor do que os outros e quando crescer sei que se tornará o mais bonito, também. – E afagou-lhe a cabeça com o bico.

Mas, o patinho feio, nascido por último, continuou a ser bicado, empurrado e humilhado por todos. Não só os patos. Também as galinhas o maltratavam a valer.

Isto aconteceu no primeiro dia, e daí por diante foi ficando cada vez pior. O pobrezinho era perseguido por todos, e até seu irmãos eram maus para ele.

– Tomara que o gato te pegue, bicho feioso! – Era o que mais lhe diziam.

– Que bom seria não ver mais você! – Até sua mãe falou, uma dia.

Então o patinho fugiu, correu, e voou por cima da cerca, caindo numa moita assustando os passarinhos que ali estavam abrigados.

"Devem ter se assustado por que eu sou feio." Ele pensou, e depois continuou a fugir até chegar ao grande pântano onde moravam as marrecas e gansos selvagens. E ali ficou a noite inteira, triste e cansado.

Assim que amanheceu, os marrecos descobriram o patinho.

– Você é muito feio – disse-lhe um deles –, mas para nós isto pouco importa, desde que você não queira casar com nenhuma das nossas, e, se você quiser, pode vir com a gente na revoada para fugir do inverno.

O patinho pensou que talvez seria este o melhor caminho a tomar, mas neste instante ecoou no ar um som que lhe era desconhecido, mas mesmo assim assustador.

Pum! Pum!

E os marrecos que falavam com ele caíram mortos.

Novos tiros ecoaram e bandos inteiros de marrecos e gansos selvagens saíram voando. Era grande a caçada. Os caçadores estavam de tocaia no pântano e nos galhos das árvores que se estendiam sobre as águas. A fumaça azulada cobriu o pântano inteiro e os cães de caça, latindo furiosamente, vasculhavam todas as moitas. Apavorado, o patinho escondeu a cabeça debaixo da asa. Um cão enorme, feroz, parou junto dele, com um brilho terrível nos olhos. Arreganhou os dentes agudos e em seguida afastou-se, sem lhe fazer nenhum mal.

"Graças a Deus" pensou o patinho, "sou tão feio que nem o cão quis me morder". E ficou deitado, imóvel, enquanto um tiro ecoava depois do outro, e os chumbos zuniam entre os juncos da margem.

Só muito tempo depois a mata sossegou. Mas o pobre patinho não arriscava sair do lugar. Esperou várias horas, depois olhou bem para os lados e tratou de fugir correndo o mais que podia.

À noitinha chegou num humilde casebre. Como a porta estivesse trancada, ele não pode entrar e procurou abrigar-se, da melhor forma possível, do vento horrível que soprava impiedoso. Foi então que o vento desprendeu a porta do casebre e ele finalmente conseguiu entrar.

Morava ali uma velha com um gato e uma galinha. O gato chamava Janota, sabia arquear as costas e ronronar. Sabia até faiscar os olhos quando a velha lhe afagava os pelos. Já a galinha tinha as pernas muito curtas, por isto a chamava de Nanica, mas botava muitos ovos e a velha a amava como uma filha.

Na manhã seguinte, assim que avistaram o patinho o gato começou a miar e a galinha a cacarejar.

– O quê! – Exclamou a mulher, que não enxergava muito bem e pensou que fosse uma pata gorda que estivesse perdida. – Estou com sorte. Agora vou ter ovos de pata.

A velha deixou o patinho ficar, mas como depois de três semanas ele não havia posto nenhum ovo, nem aprendido arquear as costas e a ronronar, e só falava em nadar e mergulhar, o gato e a galinha trataram de mandá-lo embora.

E o patinho se foi. Logo encontrou um lago onde boiou, nadou e mergulhou, mas todos os animais o desprezavam pela sua feiura.

Mesmo assim ele foi ficando por ali até chegar o outono. Na mata as folhas se tingiram de amarelo e de marrom e eram carregadas pelo vento que, a cada dia, ficava mais frio. Todos os animais começaram a preparar seus esconderijos para enfrentar o inverno e o patinho, que nunca havia visto nenhum, tinha a certeza de que seria um tempo muito ruim, e começou a se sentir muito mal.

Já bem perto do inverno, num final de tarde, saiu do bosque todo um bando de grandes aves brancas e vistosas. O patinho nunca as havia visto, antes. Eram aves tão lindas, de um branco brilhante, com um longo pescoço delgado e flexível.

Eram cisnes que soltaram gritos muito estranhos; abriram as longas e esplêndidas asas e partiram da região fria, em busca de lugares mais quentes e lagos mais claros. E foram subindo, subindo...

O patinho sentiu algo muito estranho ao vê-las partir, e esticou o pescoço para acompanhá-las em seu vôo, e soltou um grito tão agudo e esquisito que ele próprio se assustou. Observou-as até sumirem no horizonte e depois mergulhou até o mais fundo que podia.

Quando voltou à tona estava feliz. Não sabia o nome daquelas aves, mas sentiu que gostava delas como nunca havia gostado de alguém.

O inverno chegou, muito, muito frio. O patinho era obrigado a nadar o tempo todo para evitar que a água do lago congelasse. Cada noite, porém o espaço em que ele nadava tornava-se menor, até que um dia seus pés ficaram presos no gelo.

Por sorte sua um camponês o encontrou e o levou para a sua casa e lhe deu de presente para a sua mulher. Dentro da casa quente o patinho reanimou-se. Como os filhos do camponês quiseram brincar com ele, o patinho assustou e fugiu, indo cair direto no latão de leite, derramando tudo no chão.

A mulher ficou muito brava e o patinho assustou-se ainda mais, voando até cair no tacho da manteiga e depois na barrica de farinha de trigo, deixando a casa em estado lastimável.

Então a mulher e as crianças correram para pegá-lo e ele não teve outra alternativas senão escapar pela porta entreaberta, e esconder-se nos arbustos cobertos pela neve que havia caído no início da tarde.

Bem, seria muito triste contar todas as desventuras e dificuldades pelas quais o patinho teve que passar durante o longo e rigoroso inverno. Mas o fato é que, quando o Sol começou a aquecer a terra, foi encontrá-lo deitado no pântano entre os juncos. Os pássaros, alegres, começaram a cantar a primavera que se iniciava linda e radiante.

Sem saber bem por que abriu as asas, que fizeram um rumor maior do que antes, e o carregaram potentes para longe. Antes mesmo que soubesse achava-se num lago junto a um grande pomar, com árvores em flor inundando o ar de suave perfume. Tudo ali era delicioso, e da curva do lago surgiram três lindos cisnes brancos, flutuando leves e ligeiros, sobre a água, e o patinho reconheceu as aves e decidiu vê-las de perto. Nadou até elas, mesmo sabendo que iriam matá-lo a bicadas por conta da sua feiura. Mas nada disso importava. Preferível morrer assim do que passar o resto da vida sendo humilhado com sempre havia sido.

Entrou na água e nadou em direção aos belos cisnes que, ao vê-lo, nadaram velozes em sua direção.

O patinho abaixou a cabeça à espera do ataque, viu seu corpo refletido, e espantou-se. Não era um pato pardo e desengonçado que ele via no espelho da água, mas um enorme e lindo cisne branco.

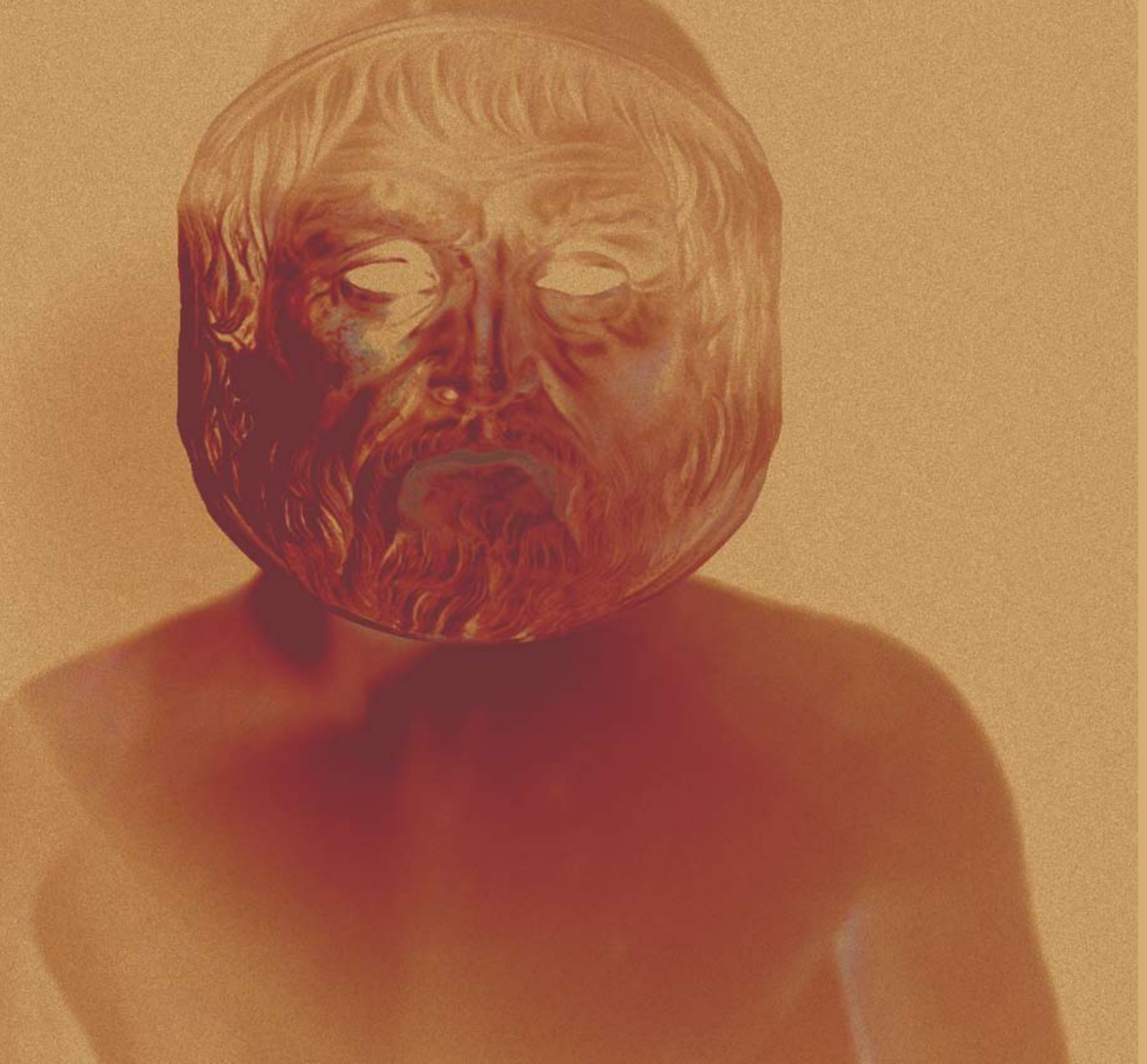
Os grandes cisnes brancos nadaram até ele afagando-o com os bicos.

No jardim apareceram crianças que lhes jogaram pão e pedaços de bolo.

– Olha! – Gritou o menor dos meninos. – Apareceu um cisne novo.

– Verdade! – Falaram as outras crianças, e bateram palmas. – Ele é o mais bonito de todos.

Embaraçado, ele tentou esconder a cabeça sob a asa, mas os outros cisnes não deixaram, sorrindo para ele, que finalmente também lhes sorriu e pensou: “Nunca pensei que um dia seria tão feliz quando era um patinho feio.”



Como se Fosse

Marina Colasanti

De nada adiantou a couraça contra o fio da espada. O sangue jorrou entre as frestas metálicas e o jovem rei morreu no campo de batalha. Tão jovem, que não deixava descendente adulto para ocupar o trono. Apenas, da sua linhagem, um filho menino.

Antes mesmo que a tumba fosse fechada, já os seus fiéis capitães se reuniam. A escolha de um novo rei não pode esperar. E determinaram que o menino haveria de reinar, a coroa lhe cabia de direito. Que começassem os preparativos para colocá-la sobre sua cabeça.

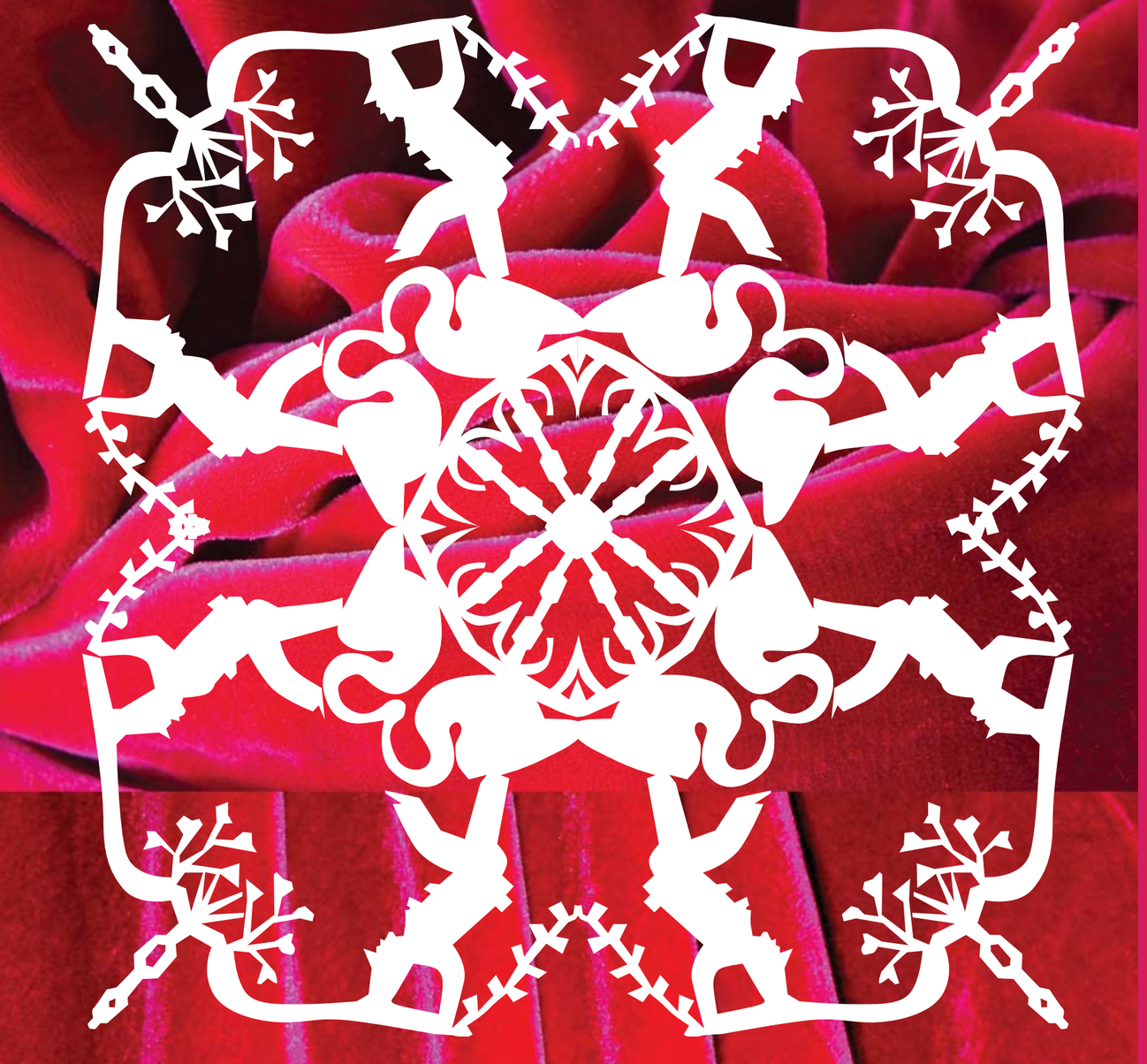
Aprontavam-se as festas da coroação, enquanto os capitães instruíam o menino quanto ao seu futuro. Mas porque o rei seu pai havia sido muito amado pelo povo e temido pelos inimigos, e porque o rosto do menino era tão docemente infantil, uma decisão sem precedentes foi tomada.

No dia da grande festa, antes que a coroa fosse pousada sobre os cachos do novo rei, a rainha sua mãe avançou e, diante de toda a corte, prendeu sobre seu rosto uma máscara com a efígie do pai. Assim ele haveria de ser coroado, assim ele haveria de governar. E os sinos tocaram em todo o reino.

Muitos anos se passaram, muitas batalhas. O menino rei não era mais um menino. Era um homem. Acima da máscara seus cabelos começavam a branquear. Seu reino também havia crescido. As fronteiras extensas exigiam constante defesa.

E na batalha em que defendia a fronteira do Norte, acossado pelos inimigos, o rei foi abatido no fundo de uma ravina, sem que de nada lhe valesse a couraça.

Antes que fechasse os olhos, acercaram-se dele seus capitães. Retiraram o elmo. O sangue escorria da cabeça. O rei ofegava, parecia murmurar algo. Com um punhal cortaram as tiras de couro que prendiam a máscara. Soltou-se pela primeira vez aquele rosto pintado ao qual todos se haviam acostumado como se fosse carne e pele. Mas o rosto que surgiu por baixo dele não era um rosto de homem. A boca de criança movia-se ainda sobre mudas palavras, os olhos do rei faziam-se baços num rosto de menino.



A Roupa Nova do Rei

Hans Christian Andersen
Tradução e Adaptação: Paulo Condini

Há muitos e muitos anos vivia um imperador que gostava muitíssimo de trajes novos e bonitos, e gastava em roupas todo o seu dinheiro. Não se importava com seus soldados, não ia ao teatro e nem a passeio nos bosques, a não ser que fosse para mostrar alguma roupa nova. Tinha um traje para cada dia e, assim como se costuma dizer de qualquer rei: "Ele está concedendo audiência", dele dizia-se: "Sua majestade imperial está no guarda-roupa."

A enorme cidade onde ele morava era alegre e movimentada. Muitos viajantes a visitavam quase todos os dias. Eis que um belo dia chegaram dois trapaceiros que, fazendo-se passar por hábeis tecelões, anunciaram que sabiam tecer os mais incríveis tecidos. E diziam mais, que não apenas as cores e os padrões da peças por eles tecidas eram fora do comum, como também as vestimentas com elas confeccionadas tinham um extraordinário atributo: o de se tornarem invisíveis para as pessoas de pouca inteligência.

"Que roupas maravilhosas!" O imperador pensou" Enquanto os pajens o ajudavam a vestir-se. "Com ela vou poder saber quais os homens do meu império têm a inteligência necessária para ocupar os cargos que ocupam. Poderei, também, distinguir os sábios dos ignorantes." E ordenou:

– Quero que esses panos sejam tecidos imediatamente!

E mandou dar, aos dois trapaceiros, quanto dinheiro fosse necessário para que começassem a trabalhar sem perda de tempo.

Os dois, então, montaram dois teares e fingiram trabalhar, mas sem nenhum fio nas máquinas. Pediram, entretanto, as sedas mais finas e o ouro mais puro, que esconderam em suas malas e, noite a dentro, continuavam a tecer nos teares vazios.

"Como eu gostaria de saber como vai o trabalho destes tecelões." Pensou o imperador, teve, porém uma sensação esquisita ao pensar que os ignorantes e os que não estava à altura de seus cargos não fossem ca-

paz de ver o pano. Tinha certeza de que, por si próprio, nada tinha a temer, entretanto, por prudência, preferiu mandar outra pessoa para ver como iam as coisas.

Todos, na cidade, já sabiam da maravilhosa virtude que aquele tecido possuía, e estavam ansiosos para ver o quão estúpidos ou ignorantes eram os seus vizinhos.

"Vou mandar meu velho e honrado ministro visitar os tecelões. Ele é a melhor pessoa para ver como as coisas vão, pois é um homem de bom senso, e ninguém é mais preparado do que ele para o cargo que ocupa."

Quando o velho e honrado ministro entrou na sala onde os dois trapaceiros fingiam trabalhar no tear vazio, não pode se conter:

"Meu Deus do céu!" Ele pensou, arregalando os olhos. "Não consigo ver nada." Mas não disse nada.

Os dois patifes, então, convidaram-no gentilmente para se aproximar do tear e pediram-lhe que comentasse a respeito das cores exuberantes e dos padrões encantadores do tecido. Apontavam, solícitos, os teares vazios, e o pobre ministro, de olhos arregalados, não conseguia ver nada, pela simples razão de não haver absolutamente nada para ver.

"Meu Deus do céu!" Novamente ele pensou, Será que sou tão ignorante assim? Eu nunca imaginei que fosse, e isto é coisa que ninguém mais deve saber, senão fatalmente perderei meu cargo. Não! Não posso dizer que não vejo a roupa!"

– E então? – Perguntaram os falsos tecelões. – O senhor nada tem a dizer sobre o tecido?

– Ah! É muito bonito! É lindo, mesmo. – Mentiu o velho ministro, como se de fato estivesse avaliando o tecido. – Vou dizer à sua alteza imperial que o tecido me agradou muito.

– Isto nos causa imenso prazer – disseram os espertalhões, passando a descrever as cores e os desenhos do tecido.

O velho ministro ouviu a tudo com enorme atenção, para poder repetir ao imperador tudo o que lhe disseram, o que de fato fez, tão logo voltou ao castelo.

Os dois velhacos pediram, então, mais dinheiro, mais seda e mais ouro, para poder continuar o trabalho. É claro que embolsaram tudo. Os teares continuaram vazios e eles fazendo de conta que trabalhavam dia e noite.

O imperador não tardou enviar outro nobre e honrado funcionário para ver como ia o serviço e descobrir se faltava muito para a conclusão do tecido. Com o novo visitante aconteceu a mesma coisa que com o velho ministro. O funcionário olhou e tornou a olhar mas, como ali só haviam dois teares vazios, ele nada mais pode ver.

– Não é uma bela peça de pano? – Os dois desonestos perguntaram, mostrando o magnífico desenho que não existia.

"Eu não sou ignorante." O homem pensou. "No entanto, posso perder o meu cargo, se não ver o tecido. É tudo muito estranho, mas não devo deixá-los perceber."

Assim raciocinando, pôs-se a elogiar o tecido que não via, manifestando sua satisfação diante de tão belas cores e padrões tão graciosos.

– É, de fato, magnífico! – Disse ele mais tarde ao imperador.

Toda a gente, na cidade, só falava do tecido maravilhoso.

O imperador, então, quis ver com seus próprios olhos o tecido, enquanto ele ainda estava no tear. E, com uma enorme comitiva, da qual faziam parte os dois honrados funcionários que ali já haviam ido, ele foi até a sala onde os dois trapaceiros teciam incansavelmente, sem um só fio de linha.

– Então? – Perguntaram, ao mesmo tempo, os dois altos funcionários que já haviam visitado os tecelões. – Queria vossa alteza imperial ver os padrões e as cores maravilhosas – E apontavam para o tear vazio, imaginando que todos os outros podiam ver o tecido.

"Que horror!" Pensou o imperador. "Eu não consigo ver nada. Isto é terrível. Será que sou tão ignorante? Será que não sirvo para ser imperador? Isto seria a pior coisa que pode-ria ter me acontecido.

– É, de fato, muito lindo. – Disse o imperador. – Vocês têm minha inteira aprovação. E indicou com a cabeça o tear vazio. Não queria dizer que nada via. Os numerosos componentes da comitiva, sem exceção, também olhavam mas, por mais esforços que fizessem, nada conseguiam ver. Apoiaram, porém, o imperador com seus elogios.

– Como é bonito. – Diziam, aconselhando o imperador a fazer um traje com aquela fazenda maravilhosa, e usá-lo, pela primeira vez, na grande procissão que deveria ocorrer alguns dias depois.

– Magnífico! Esplêndido! Formidável – Eram as expressões que mais se ouviam em toda a cidade.

O imperador cumprimentou os dois trapaceiros e os condecorou dando-lhes o título de "Cavalheiros do Tear."

Os dois patifes passaram em claro a noite que precedeu a manhã da procissão, com dezenas de luzes acesas. Todos podiam ver que trabalhavam febrilmente, empenhados em acabar a roupa nova do imperador. Fizeram de conta que retiravam o pano de tear, e o cortaram, sobre uma grande mesa, com enormes tesouras, costurando-o com agulhas sem linha.

– As roupas estão prontas! – Anunciaram, por fim.

O imperador compareceu ao local, acompanhado por seus mais nobres cavaleiros. Os dois trapaceiros ergueram os braços, fingindo segurar alguma coisa.

– Aqui estão as calças. Cá está o casaco. E aqui o manto. – Disseram. – O tecido é tão leve como teia de aranha. Parece que não se tem nada no corpo. Nisto está a grande virtude dele...

– Muito bem! –Disseram todos os cavaleiros, que nada podiam ver porque nada havia para ver.

– Queira vossa majestade imperial – disseram os patifes –, dignar-se, por favor, despir suas roupas para vestir as novas? Por favor, aqui, diante deste grande espelho.

O imperador tirou a roupa, e os dois espertalhões fingiram dar-lhe peça por peça, o traje novo. Enlaçaram-lhe a cintura, simulando prender alguma coisa, como se fosse o manto imperial, enquanto o imperador, virando-se, dava volta em frente ao espelho.

– Como ficam bem! São esplêndidos estes novos trajes do imperador. Que padrões, que cores. – Era o que mais se ouvia ao redor.

– Estão aí fora os homens com o pálio que irá cobrir vossa alteza imperial durante a procissão. – Avisou o mestre de cerimônias.

– Já estou pronto! – Disse o imperador. – A roupa não me fica bem?

Assim dizendo voltou-se mais uma vez para o espelho, fazendo de conta que contemplava, embevecido, os seus novos e elegantes trajes.

Os camareiros que deveriam segurar a cauda do manto, moveram as mãos para o chão, como se erguessem alguma coisa, e saíram andando com as mãos no ar, e ninguém dava a entender que não estava vendo nada.

E assim o imperador desfilou na procissão, sob o grande pátio, enquanto nas ruas e nas janelas todos comentavam:

– Meu Deus! Como são lindos os novos trajes do imperador. Como lhe ficam bem! E que grande cauda tem o manto!

Todos mentiam, ocultavam que não estavam vendo coisa alguma, pois do contrário teriam passado por imprestáveis para os cargos que ocupavam, ou se revelariam ignorantes. Nenhuma roupa do imperador havia despertado tanta admiração.

– Mas ele não tem roupa nenhuma! – Disse uma criança.

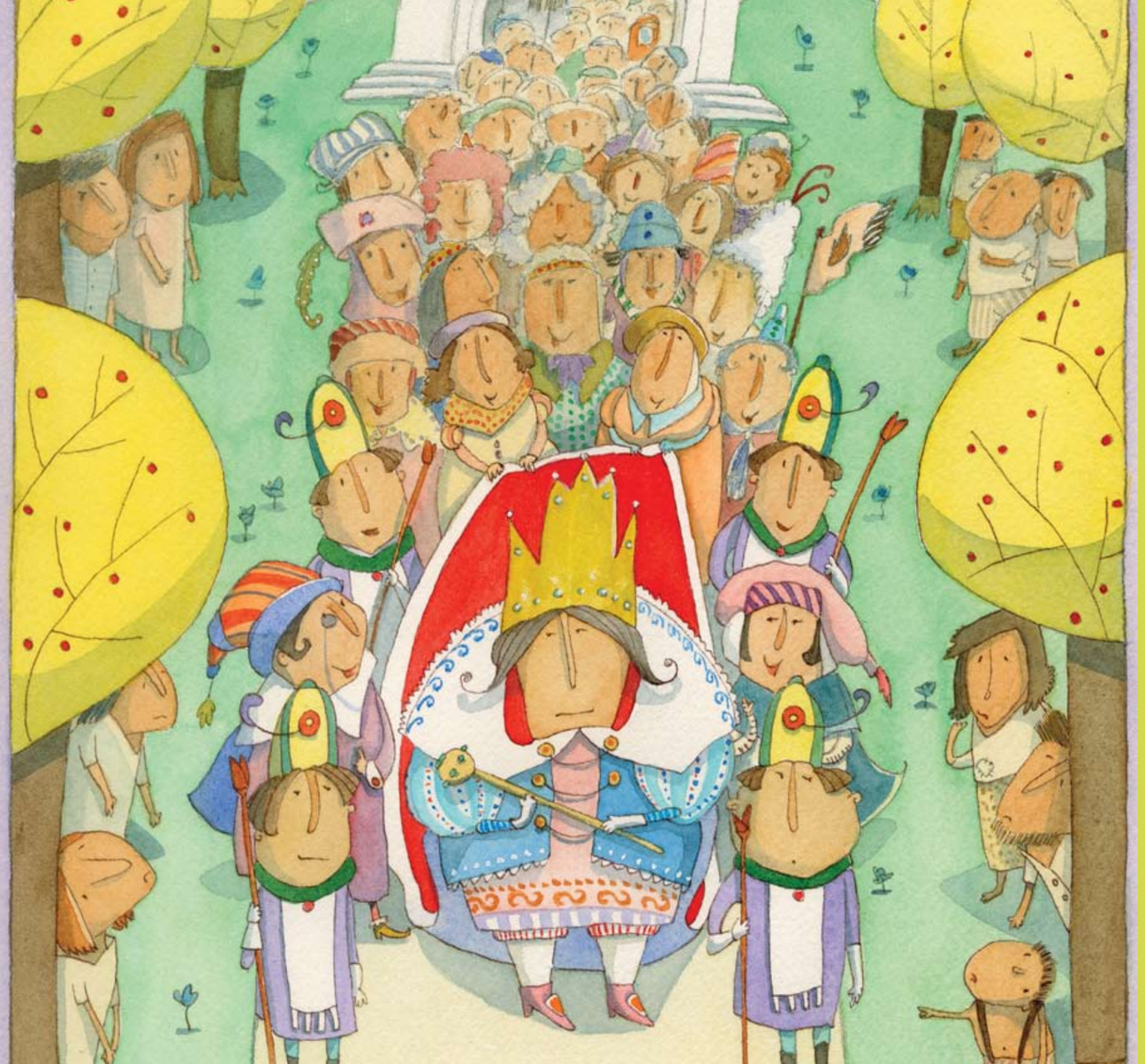
– Meu Deus! Falou a voz da inocência! – Disse o pai da criança, e cochichou para o vizinho aquilo que o filho dissera.

– Ele não tem roupa nenhuma. – Correu de boca em boca. – Uma criança está dizendo que ele não tem roupa nenhuma.

– Ele não tem roupa nenhuma! – Clamava, por fim, todo o povo.

O imperador se sentiu um abalo, pois lhe parecia que diziam a verdade.

"Agora tenho que agüentar a procissão até o fim." Ele pensou, e aprumou-se ainda mais, enquanto os camareiros, solenes, continuaram a carregar o manto que não existia.



A Fantasia Nova do Rei

Bartolomeu Campos de Queirós

Quando eu conto esta história, muitos dizem que ela só existe em minha imaginação. Mas posso jurar, por todos os santos, que não estou falando mentira. Existem realidades tão fantásticas que todos duvidam.

O mundo é muito vasto e havia uma terra tão longe, mas tão longe desse mundo, que só o pensamento alcançava. Mesmo o tempo, que está presente em tudo, fazia um esforço imenso para chegar até lá. Mas o lugar era de uma beleza surpreendente. De um lado, cercado de praias com areias mais brancas que o susto. No céu conviviam um sol de ouro com uma lua de prata. E as estrelas pontuavam o escuro com vírgulas de diamantes. Do outro lado, em seus longos rios de águas profundas, parecendo vidro derretido, nadavam peixes que ninguém jamais seria capaz de decorar todos os seus nomes. E tantos eram os rios que até os mares agradeciam a essa terra por enchê-los e torná-los transbordantes.

Em suas florestas, as maiores em extensão e riqueza, voavam passarinhos piando os mais belos trinados. Os animais viviam sem ameaças, entre o verde ou sobre as sombras dos galhos na terra. E as árvores cresciam sem medo, filtrando os ares e conversando com o azul. E seus frutos, diziam ser os mais saborosos. Se desconhecemos seus sabores, muito menos os seus nomes. Só encantos povoavam aquele lugar. As flores, era impossível descrevê-las em seus perfumes e cores. E no interior da terra moravam minas repletas de cobiçados tesouros.

Mas se bela era a terra, seus habitantes viviam tristes. Recebiam notícias de outros lugares com generosos reis. Uma família real com olhar doce sobre o povo. Daí sonharem um castelo, com um soberano bondoso, uma rainha capaz de amá-los, e muitos príncipes, que herdariam do rei a justiça, a tolerância, o respeito. E todos viveriam com eles nas ruas, nas escolas, nos jogos, e principalmente falando a mesma língua. Queriam um rei capaz de criar escolas, hospitais, habitações, estradas, teatros, bibliotecas. E mais, que unisse todos em volta da igualdade. Esse povo triste formaria uma grande comunidade em que

todos trabalhariam para todos e o resto do mundo invejaria a sua Paz.

Viver num reino com ministros aconselhando o rei, senadores dando idéias grandiosas, deputados falando em nome dos súditos, era o que mais sonhavam. Estavam cansados de ser escravos da vaidade de alguns que, sem ser rei, se mentiam poderosos, prometendo felicidade, sem juros e mais nada, desde que os escravos realizassem suas vaidades.

Mas o rei não nascia. O povo esperava, pensava, sonhava, desejava, rezava, e nada do rei nascer. Passavam dias, meses, anos, décadas, séculos sem notícias do seu nascimento. E os moradores cumpriam novenas, procissões, jejuns, mas não eram atendidos em suas súplicas.

Um dia, sem paciência para mais esperar, com a esperança chegando ao fim, fizeram um pacto: o primeiro menino que nascer naquela terra em noite de lua nova, será nosso rei. E assim foi.

Na manhã seguinte, circulava de boca-em-boca a boa nova. Numa casa, à esquerda da rua Direita, numa casa simples, um menino havia dado seu primeiro choro. Todos compreenderam o seu choro como de alegria por ser o enviado dos céus. Nascia para cumprir a vontade dos habitantes, que pediram, durante muitos sóis, um rei para banir os que promoviam as desigualdades, assaltavam as despensas, exigiam propinas, compravam a boa fé de um povo manso. Mas o menino não sabia que seria rei.

A esperança voltou a morar no coração dos habitantes. Agora a terra está perfeita e nossa felicidade completa, cismavam. Ele vai crescer cheio de honestidade, amor, fraternidade e será coroado com coroa da humildade.

As tecedeiras nos teares faziam as mais belas tramas para bem vestir o imperador menino. Com luz de vela, lamparina, lampião, todas as mulheres trabalhavam com alegria. E se precisavam de linha de seda pediam às aranhas, se o ouro fosse necessário, ganhavam dos garimpeiros. Todos olhavam para o menino como salvador, aquele que governaria para fazer do lugar um exemplo de ordem e progresso. E o pequeno passou, assim aos poucos, a acreditar que era mesmo rei.

Mas na medida em que o futuro rei crescia, ele passou a ser acompanhado, envolvido, mimado, por alguns súditos preguiçosos, que se mostravam felizes em estar apenas à sombra do rei, elogiando os seus caprichos primários. Tudo que ele pensava, os falsos amigos faziam virar notícias. Eles carregavam o medo do menino não ser proclamado rei, e perderem seus privilégios. Se o reizinho sorria, diziam que gargalhava; se tossia, diziam estar com pneumonia; se andava, diziam que desfilava; se falava, diziam que pronunciava; se comia, diziam que banqueteava. E tudo que ambicionavam eles sopravam, com astúcia, no ouvido do imperador inventado.

E as tecedeiras mais plantavam algodão, mais finos eram os fios, mais coloridas as tinturas. E os homens nada mais faziam que preparar a terra para o plantio. Tudo para cozerem mais roupas para o rei. E cada dia, mais belas eram suas vestimentas. As escolas formavam bordadeiras, banqueteiras, servos, mordomos,criados, serviçais, motoristas, secretários, camareiras, fiscais que pouco sabiam ler e escrever. Seus professores eram orientados por uma equipe que se escondia sob o manto de um rei, que nascera do lado esquerdo da rua

Direita e agora vivia no meio. Muitos exigiam dos habitantes deveres sem o rei saber. E os mantos, cada dia mais longos, necessitavam de muitos falsos amigos para carregar seu peso quando o futuro rei desejava conhecer as fron-

teiras do grande império. Nestas visitas, os amigos do rei o cercavam impedindo-o de ver como eram pobres seus súditos e quanto trabalho ele teria pela frente.

Para impressionar a população, eles, os que se diziam amigos do rei mas não eram amigos de ninguém, colocavam em sua boca palavras que os habitantes queriam ouvir: educação, saúde, moradia, emprego, segurança. Assim, aos poucos, o povo acreditava que de fato – mesmo debaixo de tanta ostentação – ali reinava um verdadeiro rei.

E mais trajes reais eram confeccionados pelas fiandeiras. Todos queriam que sua majestade fosse tão bonito quanto a natureza em que moravam. Mas os amigos do rei criaram outras necessidades: se havia rei, era preciso um palácio. E perto do palácio, outros pequenos castelos abrigariam os conselheiros do rei, os ajudantes do rei, a guarda do rei. E todos os habitantes do lugar passaram a construir luxuosos monumentos.

Edificaram palácios, assembléias, congressos, câmaras, igrejas, torres e muitos jardins para o rei passear com sua corte, enquanto refletia sobre o que poderia ser feito para aquele povo bondoso, cercado de pobreza e fome. Mas a fome, suspeitavam os amigos do rei, precisava de pouca coisa: só de esperança.

Mas para cada passeio, o futuro rei precisava de uma nova roupa, diziam os amigos próximos. Seus conselheiros, e demais membros da corte, passaram também a pedir roupas mais bonitas para estarem perto do rei. E o povo mais trabalhava. Os teares não dormiam, os campos cheios de algodão e muitos tachos ferviam os fios das rocas. E durantes as noites, o único barulho era os das tesouras cortando tecidos, das agulhas furando os tecidos.

Um dia anunciaram que o menino já não era menino. Chegou, enfim, o dia de sua coroação. Nunca houve festa igual. Filas de bandeiras tremiam nos mastros, bandas de música marchavam, fogos de artifício e gente, muita gente gritando, batendo palmas, dançando. E quando a chuva caiu, não acabou a festa. Todos acreditaram que um novo mundo ia brotar.

Ninguém desconfiava que no dia seguinte eles não teriam nada para comer nem para vestir. Plantaram tanto, teceram tanto, construíram tantos palácios e jardins, encheram tanto os corações de esperanças que na manhã seguinte só o vazio restava. Acordaram tristes pensando que haviam escolhido o rei errado. Pensaram procurá-lo para se desfazerem do engano. Mas tudo em vão.

Os nobres, para não serem incomodados, e desejando que o rei escutasse somente a eles, mandaram construir grandes cercas em torno dos palácios, e criaram muitos exércitos para proteger seu reino. Outras vezes, o povo se debruçava nas grades querendo ver o rei, mas ele não aparecia. Mandava um ministro anunciar que suas roupas estavam velhas e precisava de novos mantos, outros sapatos, mais coroas, pois um rei tem que ser rei. E aconselhavam os mais aflitos: se o assunto é urgente, primeiro tem que marcar audiência, falar com secretários, assessores, ministros, mandar ofícios, para ver se era mesmo importante chegar até ao rei.

Aos poucos o povo foi ficando sem vontade de tecer, fiar, costurar, bordar. Ao perceber o desânimo dos súditos, o rei, com seus conselheiros, começaram a criar leis, obrigando o povo a pagar até pelo que eles pensavam. E todos, naquela bela terra, procuravam não pensar. E tanto trabalhavam que nem percebiam que a felicidade havia deixado por completo aqueles que viviam fora das grades e eram, em verdade, os donos de tudo.

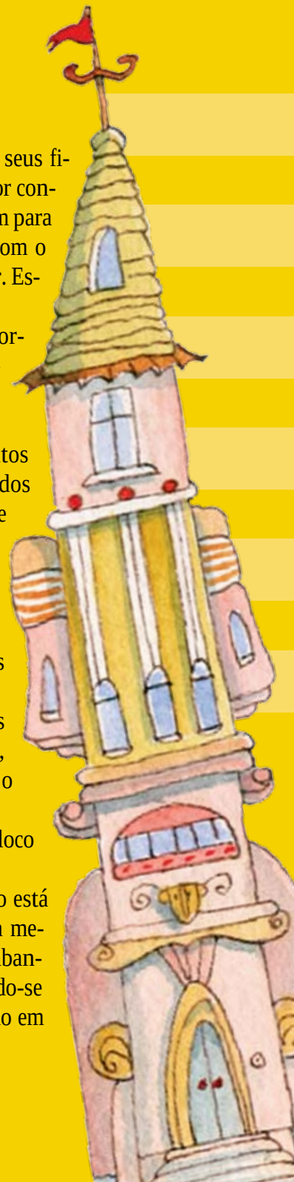
Um dia, sentindo-se em perigo pela indiferença dos homens, mulheres e crianças, o rei convocou os súditos. Iria dar uma boa notícia aos seus filhos. Fazendo-se de pai poderia melhor convencê-los a mais obedecer. Todos foram para as alamedas dos jardins do palácio, com o rosto cansado, mas dispostos a escutar. Esperavam que o rei tivesse caído em si.

O grande poderoso saiu pela porta de seu palácio de mármore, seguido de um cortejo infindável, Nunca se viu tantas cores, tantos mantos, tantas coroas, tantos chapéus, e tantos soldados para protegê-los, distribuídos em tantas alas. Desfilavam ao som de músicas, fogos, sinos e estandartes. O povo, em denso silêncio, via a passagem do séquito vestido com a riqueza do seu trabalho, com a força de sua economia, com a ilusão de suas esperanças.

E no meio do luxo, quando todos tinham a raiva travando as gargantas, a voz de um menino gritou, ferindo o silêncio:

– Isso não é cortejo de rei. É bloco de carnaval.

O povo engoliu o susto. Menino está sempre mais perto da verdade. Mas à medida que o desfile seguia, todos iam abandonando as arquibancadas, retirando-se desiludidos para suas casas e repetindo em surdina: – É carnaval.



O Soldadinho de Chumbo

Hans Christian Andersen | Tradução e Adaptação: Paulo Condini

Era uma vez vinte cinco soldadinhos de chumbo, todos irmãos porque haviam nascido da mesma enorme colher de chumbo. Todos traziam uma espingarda no ombro, tinham o rosto voltado para a frente e vestiam um bonito uniforme vermelho e azul. A primeira coisa que ouviram neste mundo, quando foi tirada a tampa da caixa de papelão onde estavam guardados, foi uma exclamação de alegria:

– Soldadinhos de chumbo! – Gritou batendo palmas o menino que os ganhara de presente no dia de seu aniversário.

Colocou-os de pé, na mesa. Cada qual era igualzinho ao outro. Um, porém, apresentava uma pequena diferença: tinha uma perna só, pois tinha sido fundido por último e o chumbo havia faltado. Mas ele ficava tão bem em pé como os outros nas duas pernas; e foi precisamente este soldadinho que se tornou notável.

Nessa mesa, onde foram enfileirados, havia muitos outros brinquedos. Mas o que mais dava na vista era um esplêndido castelo de papelão. Através das janelinhas via-se perfeitamente o interior das salas. Na frente, árvores em miniatura rodeavam um pequeno espelho que imitava um lago; nele nadavam cisnes de massa, cujas imagens se viam refletidas no vidro. Era tudo muito gracioso, mas o que mais o encantava era uma jovem que assomava à porta aberta do castelo. Também ela era recortada em papelão, e vestia uma saia da mais pura gaze. Trazia nos ombros uma estreita fita azul, como um xale. Adornava o centro do xale uma radiante lantejoula prateada, tão grande como o rosto da moça. Ela estendia os braços, pois era uma bailarina, e uma das pernas o soldado de chumbo não conseguia ver, tão alto ela a erguia. O soldado acreditava, por isto, que a moça tivesse, como ele, uma perna só.

"Esta seria a mulher ideal para mim", ele pensou. 'Mas é muito aristocrática, mora num palácio, e eu tenho apenas uma caixa de papelão, onde somos vinte e cinco... Aquilo não é lugar para ela. Mas devo, apesar disso, apresentar-me e falar com ela". E deitou-se, em todo o comprimento, atrás de uma caixa de rapé que estava em cima da mesa. De lá podia admirar, à vontade, a pequena bailarina, que continuava de pé numa perna só, sem perder o equilíbrio.

À noite, todos os outros soldadinhos foram para dentro da caixa, e as pessoas da casa, para a cama. Os brinquedos então começaram a brincar de visitas, de guerra e de baile. Os soldadinhos agitavam-se dentro da caixa de papelão, pois também queriam entrar brincadeira, sem conseguirem, porém, erguer a tampa. O quebra-nozes

dava cambalhotas, e o lápis fazia riscos na lousa. Foi tal o tumulto que o canário acordou e começou a tomar parte na conversa que, ainda por cima, era em versos.

Os únicos que não se mexiam do lugar eram o soldadinho de chumbo e a pequena bailarina, – ela muito elegante, na ponta do pé, com os braços estendidos, e ele sempre firme, com a sua única perna, sem tirar os olhos um só momento da moça.

O relógio bateu meia-noite. No mesmo instante, abriu-se a tampa da caixa de rapé, mas nesta, em vez de rapé, havia um pequeno duende preto que, por obra de magia, saltou da caixa.

– Saldado de chumbo! – Disse o duende. – Tira os olhos de lá!

O soldadinho do chumbo fez de conta que não ouviu.

– Espera só até amanhã. – Ameaçou o duende. – Você vai ver uma coisa.

Pela manhã as crianças subiram e botaram o soldadinho na janela. Subitamente, quer pelo poder mágico do duende, quer por uma simples rajada de vento, a janela abriu-se e o soldado foi atirado do terceiro andar, de cabeça para baixo. Foi uma queda terrível. De pernas para cima, ele foi parar no chão com a baioneta cravada entre as pedras do calçamento.

A criada e o menino logo desceram para procurá-lo, mas embora só faltas-se pisar nele, não conseguiram encontrá-lo. Se ele tivesse gritado: "Estou aqui", certamente o teriam descoberto. Ele, porém, não achou correto gritar por estar de farda.

Começou a chover. As gotas caíam cada vez mais depressa, até se transformarem numa enxurrada. E assim que a chuva diminuiu um pouco, apareceram dois garotos de rua.

– Ei! – Disse um deles. – Olha um soldadinho de chumbo! Vamos soltá-lo na enxurrada.

Fizeram um barco de jornal, colocaram dentro dele o soldadinho de chumbo, que partiu, navegando sarjeta abaixo. Os dois meninos saíram correndo, acompanhando o barco e batendo palmas.

Que ondas e corredeira o barquinho teve que enfrentar. Não era para menos, com a chuva torrencial que voltara a cair. O barco balançava, subia, descia e, às vezes, girava descrevendo voltas inteiras, que faziam tremer o soldadinho. Ele, porém, mantinha-se firme. Sem mudar de fisionomia, olhava diretamente para a frente, com o fuzil no ombro.

De repente, o barco entrou num bueiro. A escuridão tornou-se tão intensa como se ele estivesse dentro da caixa de papelão fechada.

"Onde irei parar?" Ele pensou. "Deve ser culpa do duende, sim. Mas se a bailarina estivesse aqui no barco comigo, ai sim, poderia ser até duas vezes mais escuro que eu nem ligava".

Naquele momento apareceu um grande rato de esgoto, que morava no bueiro.

– Cadê seu passaporte? – Ele perguntou, e depois insistiu: – Mostre o seu passaporte!

O soldadinho continuou calado e segurou o fuzil com ainda mais força. O barco corria veloz e o rato correu atrás dele, rangendo os dentes e gritando:

– Parem-no! Parem-no! Ele não pagou o pedágio nem mostrou seu passaporte.

A correnteza foi se tornando ainda mais veloz e o soldadinho já conseguia ver alguma claridade mais adiante, onde o bueiro terminava. Mas também ouviu, ao mesmo tempo, um ruído assustador, de fazer tremer o soldado mais valente, pois o bueiro ia desaguar num enorme canal, formando uma cachoeira.

Já estava tão perto que não dava mais para parar. O barco avançou, deu duas ou três voltas, encheu-se d'água e foi afundando lentamente, enquanto o soldadinho se mantinha o mais rijo que podia, sem mesmo piscar os olhos. E, quando a água lhe cobriu a cabeça, pensou na bela bailarina e se deixou afundar. Mas não conseguiu chegar ao fundo do canal, porque foi engolido imediatamente por um enorme peixe.

O soldadinho achou que dentro do peixe era ainda mais escuro do que no esgoto, sem falar que o lugar era apertado. Mas resolveu esperar. O peixe continuou nadando calmamente, até que num determinado momento começou a dar saltos, voltas e voltas, fazendo os mais incríveis movimentos, até finalmente parar por completo.

Depois de algum tempo, alguma coisa o atravessou como se fosse um relâmpago e a luz brilhou muito clara.

– O soldadinho de chumbo! – Alguém gritou, muito alto.

É que o peixe que o havia engolido tinha sido pescado, vendido no mercado e levado para uma cozinha. Então a cozinheira o abriu com uma grande faca e encontrou o soldadinho que, após ser lavado na água limpa, foi levou para a sala, onde todos queriam ver o soldadinho extraordinário encontrado na barriga de um peixe.

O colocaram em pé na mesa e ele pensou como acontecem coisas estranhas na vida, porque só então percebeu que tinha voltado à mesma sala de onde partira.

Viu as mesmas crianças e os mesmos brinquedos. Lá estavam o esplêndido castelo com a graciosa bailarina, ainda equilibrada numa perna só e com a outra erguida para o alto. O soldadinho ficou tão comovido que quase chorou lágrimas de chumbo, o que não fez porque, pensou, não ficaria bem. No entanto olhou longamente para ela e ela retribuiu o olhar, mas nada disseram um ao outro.

No mesmo instante, uma das crianças pequenas agarrou o soldadinho e o jogou na lareira, sem o menor motivo. Possivelmente por arte do duende da caixa de rapé.

Em pleno clarão das chamas o soldadinho sentiu um calor horrível, mas não sabia se era do fogo propriamente dito, ou do fogo do amor. Tinha perdido as cores, mas isso ninguém saberia dizer se tinha ocorrido durante sua viagem, ou agora, de tristeza.

Olhou, pela última vez, para a bailarina, que também o olhou, assustada. E ele ainda firme, enfrentando o fogo, sentiu que começava a derreter.

Foi neste momento que uma porta se abriu e uma lufada de vento ergueu a bailarina e a levou, como uma sílfide, para dentro da lareira e a depositou ao lado do soldadinho.

Uma única chama se ergueu, e nada restou da bailarina, enquanto o soldadinho derretia e se transformava numa bolinha de chumbo.

No dia seguinte, quando a criada foi tirar as cinzas da lareira, descobriu que a bolinha de chumbo tinha a forma de um coração, e da bailarina, restava apenas a lantejoula prateada que, por alguma razão, não havia perdido o brilho.

Tudo Outra Vez

Celso Sisto

Não sei se Marcus tinha um espírito bélico! Mas adorava soldados de chumbo! Desde pequeno sua coleção vinha crescendo! Da última vez que tinha contado todos, havia 215 soldados. E não ficavam guardados em caixas não! Ficavam nas prateleiras de vidro do seu quarto, feitas especialmente para abrigar aquele numeroso exército de brinquedo!

Mas agora, aos 13 anos, ele andava um pouco cansado das mesmas brincadeiras. Não saberia dizer quantas vezes tinha descido o contingente das estantes, distribuído os soldados pelo quarto, armado lutas, travado batalhas inesquecíveis, feito alianças, contornado as traições, contabilizado as perdas, para no fim ter o sublime gosto de fazer a paz, que era realmente o que ele mais gostava no exercício da guerra.

Nos últimos tempos, a tática era outra: se contentava em olhar um por um, contá-los, para ter certeza de que não faltava nenhum, tirar a poeira e recolocá-los no lugar! Ou melhor: mudá-los seguidamente de lugar, para que eles também não ficassem cansados de estar no mesmo posto e na mesma posição! Uns eram promovidos, outros rebaixados. Uns vinham agora para a dianteira, outros eram obrigados a fazer a retaguarda! Depois, noutro dia, tudo ganhava nova formação!

Mas as tarefas escolares, de certo modo, o estavam impedindo de dedicar-se ao treinamento dos exércitos. Já havia uma semana que não dispensava aos batalhões a atenção merecida, o que de modo nenhum era bom, pois os soldados acabariam se acostumando com o período de trégua, e depois, na hora da luta, cometeriam os erros mais primários!

Mas, semana de prova era assim mesmo. E hoje Marcus ia estudar na casa do Rodrigo, para a prova de História...

Quando tocou a campainha da casa do amigo, Marcus estava pensando em estudar rápido para poder voltar pra casa o quanto antes, para arrumar os seus soldados de chumbo, que tinham ficado espalhados pelo quarto. E quando o Rodrigo abriu a porta, o olho de Marcus bateu direto na enorme estante de mogno que ficava no fundo. Coincidência ou não,

ali estava uma coleção de soldadinhos muito maior que a sua...

Cumprimentou o amigo, assim meio sem jeito, e deu uns passos para frente, como se soubesse o caminho do quarto, onde provavelmente iam estudar...

– Ei, onde você vai? – Perguntou o Rodrigo.

– Olhar os soldados... – Marcus respondeu meio hipnotizado

– Ah, bom! Hoje nos vamos estudar aqui, na mesa da sala...

Marcus já não estava prestando atenção em mais nada... Olhava demoradamente cada soldado de chumbo, com interesse que Rodrigo nunca tinha visto antes.

– De quem é essa coleção?

– Do meu pai, desde que ele era pequeno!

– Puxa! – Foi só o que Marcus conseguiu dizer.

Neste exato momento entrou na sala o pai do Rodrigo. Bastou notar alguém mexendo na sua coleção para ir puxar conversa.

– Você gosta dos soldadinhos também? – Perguntou seu Baltazar.

– Nossa! Gosto... gosto... muito. – Disse o Marcus, meio sem jeito, recolocando rápido, no lugar, um soldado que estava em sua mão.

– Pode mexer. – Disse seu Baltazar, rindo. – Ninguém aqui dá a menor bola para esses brinquedos, exceto eu!!!! Mas este aqui é o meu preferido. – Foi dizendo, enquanto ia agarrando com sua enorme mão, um soldado de chumbo que tinha só uma perna.

– Ah, pai! Depois você mostra pro Marcus a sua coleção! Agora nós vamos estudar para a prova de História, que é amanhã! – Disse o Rodrigo, meio sem paciência para ouvir do pai aquelas mesmas histórias de sempre.

– Espera um pouco, Rodrigo – Acrescentou Marcus, mais interessado no que seu Baltazar ia lhe contar do que no que realmente tinha ido fazer ali.

– Tá bom! Eu vou lá pra dentro! Quando ele acabar de te apresentar esses bonecos de chumbo, você me chama! E olha que isso pode durar uns dois anos! – disse o Rodrigo, e saiu.

Os dois nem se importaram. Viraram para a estante e continuaram a olhar para as prateleiras do alto.

– Mas como eu ia dizendo, esse é o meu preferido – Insistiu seu Baltazar.

– Que legal, eu tenho um bem parecido com ele!

– Mas este é especial... – E seu Baltazar foi puxando Marcus para o sofá. A história parecia ser longa... – Quer saber a história dele?

– Claro que quero!

– Esse soldado veio da Dinamarca e é muito antigo, é de 1843, e sua vida é bem parecida com a de outro soldado famoso, mas este não morreu queimado na lareira...

– Como assim? Ele é o mesmo da história do Andersen?

– Bom... dizem por aí que é da mesma família daquele... – seu Baltazar deixou transparecer um certo ar de segredo.

– Hahahahaha.... – Marcus começou a rir, meio incrédulo, mas disposto a ouvir.

– Mas deixa eu te contar... – e começou:

O soldado era valente,
Pertencia a um batalhão
De 25 heróis de guerra
E só ele diferente.

Uma perna lhe faltava,
Mas tinha um belo porte
E com seu uniforme elegante
Entregou-se à própria sorte.

Foi morar com um menino
Numa casa com mil brinquedos
E viu logo a bailarina,
Perna estendida,
Um só pé no chão,
Em castelo, protegida,
De papel, de papelão.

Não tirou os olhos dela
Seu coração palpitou
E espalharam por aí
Que ele a viu e a amou.

Mas na hora de dormir
Quando acaba a brincadeira
O duende lá da caixa
Deu um salto e ameaçou
- Fica longe da mocinha
Que tem dono e é só minha!

O soldado nem ligou
Não aceitou provocação
E continuou assim pensando
Que aquele grande amor
pedia declaração.

E assim ele fez bonito
Um montão de galanteios
Mas a moça não sorriu
Não quis saber, não permitiu.

Pensa que ele desistiu?

Meteu-se numa batalha
Tão sangrenta e perigosa
Pra provar que era valente
E ainda trouxe um tesouro
Para ela, de presente!

Mas a bailarina orgulhosa
Disse que não ficava prosa
Que nunca amaria um soldado
E ainda por cima aleijado!

Mas pensa que ele se fez de rogado?

Fez muitas outras coisas
Pra conquistar o coração da moça:
Arrancou língua de dragão,

lutou sozinho contra um batalhão,
Perdeu no mar sua embarcação,
Foi engolido por um tubarão
Mas saiu vivo e virou notícia
Em tudo quanto é nação.

Mas a fama não bastou
E o coração da donzela
Ele não conquistou.

Tentou lhe dar carinho
Cobrir-lhe de atenção
Fez verso de amor
Cantoria e serenata
Mas nada, nada dobrava a moça
Que parecia ter coração de lata.

Mas o vento da revolta,
Ou quem sabe da vingança
Entrou fazendo estrago
Naquele brinquedo de criança.

Levantou no ar a bailarina
Colocou-a pra rodopiar
Correu com ela pra lareira,
E deixou-a no fogo queimar.

O soldado chorou dias
Não conseguia aceitar
Que aquele seu grande amor
Fosse assim se acabar.

Mas guardou a lantejoula
Que sobrou lá do vestido
Colocou-a no chapéu
E agora, com ar sofrido,
Declara em alto e bom som:
– Amar de novo,
Não quero mais não!

E pra não perder a pose
E para ganhar a vida
Faz papel de soldado
Em festa do povoado.

Bailados, folguedos, folganças
Ou autos ou danças,
Onde quer que haja
Necessidade de milícia,
Esse soldado valente
Aceita participar.
Na Cavalhada, no Cavalo Marinho,
Até em baile pastoril,
No reisado ou em congada.

E entre reis, rainhas, reinados
Lá vai nosso soldado.
De azul ou encarnado.

E sai por rua ou praça
Em cortejo milenar
Pra outra história contar!

Quando seu Baltazar terminou de narrar a sua história, já era tarde. Marcus não ia ter mais tempo de estudar pra prova.

– E então, gostou?

– Nossa, seu Baltazar, como é que o senhor sabe tudo isso de memória? – Disse o Marcus impressionado.

– Ora, ora , garoto, às vezes invento na hora...

– Mas então...? – Marcus fez cara de quem tinha sido traído.

– Calma, menino! Invento as palavras, mas a história continua a mesma!

O Rodrigo apareceu na sala com cara de sono e o Marcus se despediu, explicando:

– Tenho que voltar pra casa, não vai dar mais pra estudar... Já é tarde e minha mãe vai me matar se eu demorar!

– Eu não disse que isso era pra nunca acabar? – Disse o Rodrigo, coçando a cabeça e bocejando.

Seu Baltazar riu com gosto. O Marcus falando assim, cheio de rima, parecia influência dele. Na hora que o menino já estava cruzando a porta, seu Baltazar chamou:

– Marcus! Vem cá! Toma!

Seu Baltazar caminhou uns passos. O Marcus voltou atrás. Seu Baltazar abriu a mão e colocou na mão dele, o soldadinho de chumbo, e completou:

– Pra você aumentar sua coleção – Disse seu Baltazar, sorrindo.

– Mas, não posso...

– Só me promete uma coisa: que vai contar essa história pra outras pessoas...

Marcus deu um largo sorriso e disse:

– Pode deixar, seu Baltazar!

Correu para a porta, bateu continência e saiu.

Lá fora outra infantaria o esperava: pai, mãe e a noite gelada.

Rouxinol e o Imperador

Hans Christian Andersen
Tradução e Adaptação: Paulo Condini

Na China, você sabe, o imperador é chinês e todos os cortesãos e o povo são chineses. Pois bem, esta história aconteceu ali, há muitos anos, e é exatamente por causa disto que ela deve ser contada para que não se perca a lição.

O palácio do imperador era o mais lindo do mundo, todo construído em fina porcelana, muito preciosa e extremamente frágil, pois para tocá-la era necessário enorme cuidado. No jardim havia flores maravilhosas, e junto de algumas, as mais belas delas, havia uma sineta de prata que soava sempre que alguém passasse por elas sem notá-las. Era muito requintado o jardim imperial, e tão extenso que nem o próprio jardineiro conhecia os seus limites. Se o leitor continuasse a andar pelo jardim, chegaria a uma floresta maravilhosa, com altas árvores e profundos lagos. Na verdade, a floresta estendia-se até o mar, azul e imenso. Grandes navios podiam navegar até em baixo dos ramos do arvoredo.

Entre os ramos do arvoredo morava um rouxinol. Ele cantava de um modo tão doce, tão enternecedor, que até o pobre pescador, tendo muitas outras coisas de que cuidar, detinha-se em seu barco, a escuta, quando, andando ao largo, à noite, para recolher as redes, ouvia o rouxinol cantar.

– Meu Deus, como é lindo! – Ele exclamava. Mas tinha que cuidar da sua faina e esquecia o pássaro. Na noite seguinte, porém, quando de novo o pássaro cantava e o pescador andava no mar, dizia a mesma coisa:

– Meu Deus, que melodia mais bonita!

De todos os lugares do mundo chegavam viajantes à cidade do imperador. Admiravam a cidade, o palácio e o jardim, mas todos, depois de ouvirem o rouxinol, afirmavam:

– Este pássaro é o que há de melhor nesta cidade.

E os viajantes, de regresso às suas terras, contavam sobre o rouxinol, e os sábios escreviam livros a respeito da cidade, do palácio e do jardim, mas não esqueciam do rouxinol, que vinha descrito em primeiro lugar. Também os poetas escreviam os mais ternos poemas louvando o rouxinol da mata, que lá vivia, junto ao profundo oceano.

Estes livros circularam pelo mundo inteiro, e um deles chegou às mãos do imperador. Sentado em seu trono de ouro, ele o lia encantado, sacudindo a

cabeça afirmativamente, deleitado que estava com as entusiásticas descrições da cidade, do palácio e do jardim. “Mas, de tudo, o mais extraordinário é o rouxinol”, o livro afirmava.

– O quê? – Bradou o imperador. – O rouxinol? Por que eu nunca ouvi falar a seu respeito? Existe um pássaro assim no meu império e, além disso, no meu próprio jardim? Eu nunca soube disto, e agora descubro num livro!

O imperador mandou chamar seu cavaleiro preferido, que era tão nobre que, quando alguém de categoria inferior a ele ousava dirigir-lhe a palavra ou perguntar-lhe algo, ele só respondia “P”, o que não significava nada.

– Consta que aqui existe um pássaro maravilhoso a quem chamam rouxinol. – Disse-lhe o imperador. – Segundo dizem, é a coisa mais extraordinária que existe em meu grande império. Por que nunca me disseram nada sobre ele?

– Nunca ouvi menção a ele. – Respondeu o cavaleiro. – Ele nunca foi apresenta-do à corte.

– Quero que ele venha ao palácio hoje à noite e cante para mim! – Ordenou o imperador. – Imaginem! Todo o mundo sabe que eu o possuo, menos eu!

– Pois eu nunca ouvi ninguém mencioná-lo, antes. – O cavaleiro voltou a afirmar – Mas vou procurá-lo e encontrá-lo.

Mas onde o encontrar? O cavaleiro subiu e desceu por quantas escadas havia, atravessou salões e galerias, mas entre as pessoas que encontrava ninguém jamais ouvira falar no rouxinol. O cavaleiro voltou à presença do imperador e disse que, com certeza, tudo não passava de alguma fábula inventada pelos que escreviam livros.

– Vossa imperial majestade não deve acreditar em tudo o que se escreve. São invenções. É algo a que chamam magia negra.

– Mas o livro em que li isto – contestou o imperador –, me foi enviado pelo grande e poderoso imperador do Japão. Não pode, por conseguinte, conter inverdades. Quero ouvir o rouxinol! Ele tem que estar aqui hoje à noite! Ele conta com a minha mais elevada graça. Se não vier, toda a corte receberá socos na barriga após o jantar.

– Tsing-pe! – O cavaleiro respondeu.

E de novo subiu e desceu escadas, percorreu todas as salas e galerias. Metade da corte o seguia, pois ninguém queria levar socos na barriga. Era um nunca acabar de pergun-tas sobre o famoso rouxinol, que todo mundo conhecia e a corte não.

Finalmente encontraram uma moça pobre, na cozinha, que lhes disse:

– O rouxinol? Conheço-o muito bem. E como canta! Tenho permissão de levar todas as noites uns restos de comida da mesa para a minha pobre mãe doente, que mora lá em baixo, na praia. Quando volto, fatigada, e descanso um pouco na mata, ouço o rouxinol cantar. E eu sinto lágrimas nos meus olhos como se minha mãe estivesse me beijando.

– Pequena cozinheira – disse o cavaleiro –, eu garanto a você um cargo perma-nente na cozinha, e permissão para ver o imperador comer, se nos levar até o rouxinol, pois sua presença no palácio é esperada para esta noite.

Metade da corte pôs-se em marcha, rumo à mata, onde o rouxinol costumava cantar. Lá iam os cortesãos pelo caminho quando uma vaca começou a mugir.

– Oh! – Exclamaram – Cá o temos! Que força fantástica para um animalzinho tão pequeno! Certamente já o ouvi antes.

– Não! – Disse a pequena cozinheira – Esta é a vaca mugindo. Ainda estamos longe do lugar.

No lago as rãs começaram a coaxar.

– Magnífico! – Disse o capelão do palácio – Agora consigo ouvir. É como se tocassem pequenos sinos da igreja.

– Ainda não é ele. – Disse a pequena cozinheira. – São as rãs coaxando. Mas creio que logo o ouviremos.

De fato, logo a seguir o rouxinol começou a cantar.

– É ele! – Disse a moça. – Ouçam! Ouçam! E lá está ele.

Apontou, então, um pequeno passarinho pardacento que estava entre os ramos.

– Será possível? – Estranhou o cavaleiro – Nunca o imaginei assim. Como é simples de aspecto. Com certeza perdeu a cor ao ver tanta gente nobre em sua casa.

– Meu rouxinolzinho! – Chamou a pequena cozinheira, em voz alta – Nosso gracioso imperador quer muito que cantes para ele.

– Com o maior prazer. – Disse o rouxinol, e cantou que dava gosto ouvir.

– Soa como campainhas de vidro. – O cavaleiro falou – Observando os movimentos de sua garganta. É estranho que nunca o tenhamos ouvido antes. Ele fará um grande sucesso na corte.

– Querem que eu cante mais uma vez para o imperador? – O rouxinol perguntou, julgando que ele estive no grupo.

– Meu excelente e caro rouxinol – o cavaleiro falou – Tenho o imenso prazer de convidá-lo para uma festa na corte, hoje à noite, onde encantará sua augusta majestade imperial com suas fascinantes canções.

– Mas elas soam melhor no verdor da mata. – Respondeu o rouxinol.

Porém, apesar disto, seguiu os emissários ao ouvir que esse era o desejo do imperador.

O palácio fora arrumado festivamente. As paredes e o chão, que eram de porcelana, resplandeciam a luz de mil lâmpadas de ouro. As mais lindas flores estavam espalhadas nas galerias. Havia uma suave brisa, todos os sinos tocavam e ninguém conseguia ouvir o que o outro dizia.

Bem no meio do grande salão onde estava o imperador, fora armado um poleiro de ouro para o rouxinol. Toda a corte estava reunida, e a pequena cozinheira recebera permissão para ficar atrás da porta, pois já havia recebido o título de cozinheira imperial. Todos, em trajes de gala, tinham os olhos presos no modesto pássaro cinzento, que o imperador saudou com meneios de cabeça.

E o rouxinol cantou melodias tão doces e enternecedoras que lágrimas brotaram nos olhos do imperador, e lhe correram pelas faces. O rouxinol, então, redobrou a ternura. Seu canto ia direto ao coração. Radiante, o imperador declarou que o rouxinol ia receber seu chinelo de ouro para usar no pescoço, como

colar. Entretanto o rouxinol agradeceu e recusou, alegando que já fora suficientemente recompensado.

– Vi lágrimas nos olhos do imperador. Para mim é a mais rica recompensa. As lágrimas de um imperador têm um estranho poder. Deus o sabe. Já fui bem gratificado. – Ele falou, e tornou a cantar com sua voz doce e terna.

O rouxinol, de fato, fez um grande sucesso.

Foi decidido que ele deveria ficar na corte, ter sua própria gaiola, além da liberdade para sair a passeio duas vezes por dia e uma vez à noite. Iam com ele doze criados, cada um segurando-o firmemente por uma fita de seda bem amarrada na perninha. Um passeio daqueles não causava nenhum prazer.

Toda a cidade falava no pássaro extraordinário, e quando duas pessoas se encontravam, uma não dizia mais do que "Rou" e a outra acrescentava "xinol", e ambas suspiravam e se entendiam. Onze filhos de negociantes nascidos naqueles dias foram batizados de Rouxinol, mas nem um só deles jamais soube cantar uma só nota.

Um dia o imperador recebeu um grande embrulho, no qual estava escrito: "Rouxinol".

– Deve ser um novo livro sobre a nossa ave famosa. – Disse o imperador, abrindo-o.

Mas não era um livro. Era uma pequena obra de arte numa caixinha. Era um rouxinol artificial que, informavam, seria igual ao vivo, mas era todo cravejado diamantes, rubis e safiras. Dava-se corda ao pássaro artificial e ele entoava uma das cantigas que o verdadeiro rouxinol cantava, enquanto a cauda subia e descia resplandecente de ouro e de prata. Trazia uma fitinha ao pescoço, na qual estava escrito: O Rouxinol do Imperador do Japão é pobre comparado ao do Imperador da China".

– Que beleza! – Exclamaram todos.

O homem que trouxera o pássaro artificial foi imediatamente agraciado com o título de Imperial Portador-Mor de Rouxinóis.

– Agora os dois têm que cantar juntos. Que dueto!

Tiveram, pois, de cantar juntos, mas não deu certo. O rouxinol verdadeiro cantava à sua maneira, e o pássaro artificial cantava valsas.

– O novo não tem culpa. – Disse o mestre de música – Ele está perfeitamente afinado.

Deixaram, então, o pássaro artificial cantar sozinho. Fez tanto sucesso como o verdadeiro e, além disso, era muito mais bonito de se ver. Brilhava como braceletes e broches.

Trinta e três vezes cantou a mesma peça, sem se cansar. Todos teriam gostado de continuar a ouvi-lo, mas o imperador achou que era a vez de ouvir o rouxinol vivo. Mas onde ele estava? Sem que ninguém tivesse notado, saíra voando pela janela aberta e voltara às suas verdes matas.

– Qual o significado disto? – Perguntou-se o imperador, e todos os cortesãos censuraram o rouxinol e o qualificaram de pássaro ingrato.

– Mas nós temos o melhor dos pássaros – Disseram.

O pássaro artificial teve de cantar de novo, e ouviram, pela trigésima quarta vez, a mesma canção. Ainda não a sabiam de cor, pois era muito difícil. O mestre de música excedeu-se em elogios ao pássaro,

declarando que ele era melhor do que o rouxinol verdadeiro, não só na roupagem externa, cravejada de diamantes, mas também por dentro.

Pois, meus senhores – disseram algumas pessoas –, no rouxinol verdadeiro nunca se pode saber o que está para se ouvir, mas no pássaro artificial, tudo está definido. É aquilo mesmo, e não outra coisa. Pode-se explicá-lo, pode-se abri-lo e mostrar o pensamento humano, onde estão as valsa, onde são tocadas, e como uma segue a outra.

– É exatamente o que também pensamos – declararam todos os presentes.

O mestre de música obteve permissão para, no domingo, mostrar ao povo o pássaro. Todos deviam ouvi-lo, segundo a vontade do imperador. E todos ouviram e ficaram tão alegres como se estivessem embriagando-se com chá, costume inteiramente chinês. Diziam: "Oh!" E erguiam o dedo a que se chama de fura-bolos, e sacudiam a cabeça, aprovando. Mas os pescadores pobres, que haviam ouvido o rouxinol verdadeiro, diziam: "Canto muito bonito. É até parecido com o canto do outro. Mas lhe falta alguma coisa, o que é, não sabemos dizer.

O verdadeiro rouxinol foi banido da terra e do império.

O pássaro artificial tinha seu lugar numa almofada de seda, bem ao lado da cama do imperador. Todos os presentes que recebera, ouro e pedrarias, estavam ao redor dele. No título subira a "Imperial Cantor-Mor do Criado-mudo, Grão Superior nº 1, do Lado Esquerdo". O imperador considerava mais nobre o lado onde ficava o coração, e também num imperador o coração está do lado esquerdo. O mestre de música escreveu vinte e cinco volumes a respeito do pássaro artificial. A obra era muito erudita, muito longa, e escritas nas mais difíceis palavras chinesas. Entretanto, todos diziam que haviam lido e entendido, pois caso contrário teriam sido julgados ignorantes e punidos com socos na barriga.

Assim passou-se um ano inteiro. O imperador, a corte, e todos os outros chineses sabiam de cor cada pio da canção do pássaro artificial, e justamente por isto gostavam ainda mais dele. Todos sabiam cantar com ele e o faziam sempre, Os garotos da rua cantavam: "Trrr-piu-piu-piu..." E o imperador o repetia. Sem dúvida, uma maravilha.

No entanto, uma noite, quando o pássaro estava no melhor do seu trinado, e o imperador, na cama, o ouvia, houve um estalido seco dentro do pássaro. Alguma coisa havia se partido. Todas as rodinhas giraram e a música parou.

O imperador pulou imediatamente da cama e mandou chamar o médico da corte. Mas o que poderia fazer o médico, neste caso? Mandaram, então, buscar o relojoeiro. Este depois de muita conversa e detidos exames, conseguiram pôr o pássaro mais ou menos em condições de funcionar, mas disse que seria preciso poupá-lo muito, pois estava gasto nos eixos e não era possível colocar eixos novos, de modo que a música continuasse a sair perfeita. A consternação foi enorme. Só uma vez por ano podia-se arriscar a fazer o pássaro artificial cantar, e mesmo assim sob severos cuidados. Contudo, o mestre da música proferiu um pequeno discurso com as mais graves palavras, dizendo que tudo

estava muito bem. E pronto, o remédio era acreditar, era fazer de conta que tudo estava, de fato, muito bem.

Cinco anos haviam decorridos quando o país mergulhou numa grande tristeza, pois no fundo todos gostavam do seu imperador. Ele estava doente e, dizia-se, não ia poder mais viver. Já fora escolhido um imperador novo, e o povo da rua perguntava ao cavaleiro como ia passando o imperador.

– P! – Respondia o cavaleiro, sacudindo a cabeça.

Frio e pálido o imperador jazia em sua grande e esplêndida cama. Toda corte já o julgava morto, e cada um tratava de ir cumprimentar, às pressas, o novo imperador. Os camareiros saíam para comentar a situação, e as aias e criados reuniam-se em grupos, com café e muito falatório. Foram estendidos panos nos pisos de salas e corredores para que não se pudesse ouvir os ruídos dos passos de quem andava, e por isto o silêncio era completo.

Mas, o imperador ainda não estava morto. Resistia bravamente à doença, embora muito pálido, prostrado em seu luxuoso leito, com longos cortinados de veludo, de onde pendiam pesadas borlas de ouro. Bem no alto uma janela estava aberta, e a luz brilhava sobre o imperador e sobre o pássaro artificial.

O pobre imperador quase não conseguia mais respirar, sentindo-se como se alguém estivesse sentado sobre o seu peito. Abriu os olhos e viu a Morte sentada sobre ele, tendo na cabeça sua coroa de ouro, em uma das mãos sua espada de outro, e na outra o maravilhoso pendão imperial. Em roda, entre as dobras das grandes cortinas de veludo, apareciam cabeças horrendas; uma aglomeração de rostos, alguns terrivelmente feios, outros de expressão muito branda.

Eram todas as ações do imperador durante a vida. As boas e as más que o fitavam na hora em que a morte lhe descia sobre o coração.

– Lembra-te disso? – Sussurraram, uma depois da outra, por longo tempo. – Lembra-te disso?

E tanto mostraram que lhe deixaram a fonte banhada de suor.

– Eu nunca soube disso. – Gemeu o imperador, e comandou: – Música! Música! Toquem o grande tambor para que eu não ouça tudo o que dizem!

Mas continuaram a falar e a morte sacudia a cabeça, como um chinês, em sinal afirmativo, para tudo quanto diziam ali.

– Música! Música! – O imperador gritou novamente – Pequeno e abençoado pássaro de ouro, canta! Canta para mim! Dei-te ouro e preciosidades, eu mesmo pendurei-te no pescoço meu chinelo de ouro. Canta agora, canta!

Mas o pássaro continuou mudo. Não havia quem lhe desse corda, e sem isso ele não cantava. A Morte continuou a olhar para o imperador com suas enormes órbitas vazias. O silêncio era imenso e apavorante.

De súbito, porém, soou, bem perto da janela, a mais doce canção. Era o pequeno rouxinol, pousado num ramo, lá fora. Ele ouvira falar na enfermidade do imperador, e viera, por isso, trazer-lhe, com seu canto, consolo e esperança.

A medida que cantava, as horrendas figuras foram silenciando e desaparecendo, e o sangue começou a circular mais depressa no corpo enfraquecido

do imperador, e a própria morte, escutando o canto, disse por fim:

– Continua, pequeno rouxinol, continua!

– Continuo – respondeu o rouxinol –, se me deres a magnífica espada de ouro. Continuo, se me deres o rico pendão. Continuo, se me deres a coroa do imperador.

Uma por uma, em troca de cada canção, a Morte foi entregando os preciosos objetos, e o rouxinol continuou a cantar. Cantou sobre a quietude do cemitério, onde crescem rosas brancas, onde o sabugueiro exala seu perfume e a fresca relva é regada pelas lágrimas dos sobreviventes. A morte, então, sentiu saudades do seu jardim e, como uma névoa branca e fria, saiu pela janela.

– Obrigado! Obrigado! – Agradeceu o imperador. – Bem que te conheço, divino pássaro. Enxotei-te do meu palácio e da minha terra, mas, mesmo assim, viestes afastar com teu canto as más visões do meu leito, expulsando a morte de meu coração. Como poderei recompensar-te?

– Já recompensou – Respondeu o rouxinol. Fiz lágrimas brotarem dos seus olhos na primeira vez que cantei, e disto nunca poderei esquecer. Esta é a recompensa que mais encanta o coração de um cantor. Mas agora dorme para recuperar as forças que eu cantarei para o senhor.

O pássaro cantou e o imperador mergulhou num sono doce e revigorante.

O sol entrava pela janela quando o imperador acordou, fortalecido e são. Nenhum dos criados tinha ainda voltado, pois acreditavam que ele já estivesse morto.

O rouxinol ainda cantava.

– Ficarás comigo para sempre – Disse-lhe o imperador. – Cantarás apenas quando tu mesmo quiseres. Quanto ao pássaro artificial, quebro-o em mil pedaços.

– Não faça isto – disse o rouxinol –, pois ele fez todo o bem que pôde. Conserva-o. Eu não posso morar num palácio.

– Deixa-me, porém, vir sempre que tiver vontade. À noite pousarei no ramo, ali em frente à janela, e cantarei para o senhor, para que se torne, ao mesmo tempo, alegre e pensativo. Cantarei a alegria dos venturosos e as penas dos que sofrem. Cantarei o bem e o mal que se escondem ao seu redor. Voarei até bem longe para ver o pobre pescador, a choupana do camponês. Observarei tudo e todos que estão distante de sua alteza imperial e de sua corte. Quero o seu coração, não a sua coroa, embora a coroa tenha em si algo de sagrado. Virei, sim. Cantarei para o senhor. Mas vossa alteza imperial deverá prometer uma coisa.

– Tudo o que pedires! – Respondeu o imperador já em pé, em seu trajes imperiais, que ele mesmo vestira, erguendo a pesada espada de ouro maciço à altura do coração.

– Só peço uma coisa. Que não conte a ninguém que tem um passarinho que tudo revela ao senhor. Será melhor assim. – E, batendo asas, ele desapareceu pela janela.

Neste momento os criados entraram para ver o seu imperador morto, e ficaram as-sombrados quando ele, em pé, os recebeu dizendo-lhes:

– Bom dia!

Luiza

Graziela Bozano Hetzel

Enrodilhada sobre o colchão duro de crina, Luiza dorme.

Ao seu lado, o corpo macio e quente encostado ao dela, um cachorrinho peludo, de cor indefinida, sonha.

O quarto é pequeno, sem móveis nem enfeites.

Num canto, uma pequena mala guarda a roupa de Luiza.

As paredes são brancas, caiadas, cobertas aqui e ali por desenhos. São casinhas de telhado vermelho, rodeadas de árvores carregadas de frutas, passarinhos coloridos, flores, borboletas, joaninhas; tudo aquilo que Luiza vê todos os dias e mais o mar que ela nunca viu. O mar que mora em seus sonhos.

O quarto tem uma janela de madeira pintada de amarelo. A madeira está velha, meio podre meio rachada, e por suas frestas deixa passar vento e raios de sol, frio e luar.

Naquela noite, o vento forte canta e uiva feito lobo, mas ela dorme, como embalada por uma canção.

No quarto ao lado, os pais de Luiza rolam na cama, confusos e divididos.

A moça rica voltara naquela tarde. Queria uma resposta. Se eles não se decidissem até o dia seguinte, não viria mais.

O pai ficou lá, parado, retorcendo as mãos rudes, castigadas pelo trabalho na lavoura.

O carro bonito se afastou, numa nuvem de poeira, levando a moça e o sossego.

Agora, na calada da noite, a mãe esfrega o rosto e enxuga na manga da blusa as lágrimas que não param de brotar.

– Dar a Luiza? Como que eu posso dar a Luiza? Me diga? Como? – sussurra, os olhos perdidos no vazio.

– Vai ser melhor pra ela, Antonia. Nunca que a gente vai poder dar as coisas de que a moça falou. Pensa nisso!

– E o amor? Quem vai dar? – As lágrimas de Antonia empapam a manga da blusa.

– A moça e o marido dela. Eles vão dar tudo pra Luiza. Roupa bonita, brinquedos caros, tudo. Você ouviu. A nossa Luiza vai virar princesa!

Antonia volta as costas para o marido e não diz mais nada.

Durante toda noite seu corpo magro se sacode em soluços.

O dia nasceu azul, com um sol dourado de inverno.

Luiza pulou da cama e correu para se lavar.

O cachorro abriu um olho, depois o outro, se espreguiçou e voltou a se enrolar. Estava velho, friorento, continuou dormindo. Por isso não ouviu o barulho do carro que levou Luiza.

Os olhos de Luiza brilham, maravilhados, diante daquela enorme mancha azul que se derrama em espuma branca e vem lamber os seus pés. O mar!

Sem medo, a menina bate palmas e ri, cada vez que a água molha os seus pezinhos morenos.

Atenta, uma moça de maiô cuida para que nada de mal aconteça a Luiza. Foi ela que levou a menina ao dentista, ao pediatra, ao shopping para comprar roupas e brinquedos; e também à pracinha, e ao cabeleireiro para cortar o cabelo crespo e rebelde. É ela que está sempre ao seu lado. Luiza acha o seu nome engraçado: Babá.

A moça rica que a trouxe da roça só aparece de vez em quando, ela é muito ocupada. Quase sempre, pede à Babá que vista uma roupa bem bonita em Luíza e depois a leve para a sala ou para o jardim, onde ela e o marido estão recebendo os amigos. Aí beija Luiza, a pega no colo, brinca um pouquinho, e depois faz um sinal e Babá leva a menina embora.

Às vezes, uma outra moça vem cuidar de Luiza. Não é jovem como Babá, está sempre de cara amarrada e costuma contar umas histórias para a menina que a assustam. Luiza chora, sozinha no seu quarto, mas ninguém escuta. Luiza queria que o seu cachorrinho estivesse ali.

O quarto de Luiza é maior do que a casa de seus pais. Além da cama grande e macia, tem um armário cheio de roupas e sapatos, uma estante com livros coloridos, bonecas de todo tipo, um baú de brinquedos e uma televisão que passa os filmes mais lindos do mundo. Tem uma mesa baixa, com cadeirinhas, e, nas gavetas da mesa, papel e lápis de cor, giz de cera e massinha para modelar. A moça rica traz sempre coisas novas.

Mas aquilo que no começo encantou Luiza, agora não é mais novidade. A menina já enjoou das bonecas sem vida, com os seus grandes olhos parados, dos brinquedos, de tudo. Cansou daquele jogo, quer voltar para casa, cadê a mãe que não vem?

Babá não sabe mais o que fazer para espantar a tristeza dos olhos da menina. O que responder quando Luiza pergunta se a mãe ainda vai demorar muito? Quando diz que quer seu cachorro? Babá quebra a cabeça pensando no emprego que não pode perder.

Quem sabe um novo papel de parede para o quarto, com flores, bichos e um grande sol amarelo vão fazer Luiza sorrir?

Ou então um cachorro-robô japonês, que não faz sujeira nem chora à noite? Custa caro, caríssimo, mas a patroa tem muito dinheiro e quer ficar com a menina, não quer?

Olha para Luiza que brinca com a comida no prato, sem fome.

Uma fantasia, uma fantasia de princesa. É isso! Várias fantasias e um teatrinho de fantoches. Babá dá asas à imaginação.

Antonia emagreceu tanto que dá medo. Os olhos fundos, cercados por olheiras negras, contam das noites mal dormidas, das lágrimas.

O marido finge não ver. Ele mesmo roído por uma dor que não tem cura.

Dois meses. Dois meses sem Luiza.

Antonia vaga pelo quintal com os braços cruzados sobre o peito, num abraço vazio.

– Antonia tá variando, cumpadre! Isso num vai acabá bem... – Repete o vizinho, bronco mas sábio, cada vez que o encontra.

Antonia tá variando! Aquela frase fica rodando na cabeça dele noite e dia.

A moça rica comprou tudo o que Babá pensou e mais alguma coisa.

Babá não pode perder o emprego, nem ela o marido.

Luiza é a filha que ele queria e ela não. A filha já pronta sem aquela chatice de gravidez, parto, amamentação... sem falar no corpo deformado, imagina!, logo ela que não pode ver uma imperfeiçãozinha sem entrar em desespero.

Luiza é linda, saudável e faz o maior sucesso com os amigos deles.

O marido se conformou e aceitou a menina e ela, ela está feliz com a sua esperteza.

Que história louca é essa agora de que Luiza está triste, infeliz, enjoada de tudo e chamando pela mãe?

Onde é que já se viu alguém enjoar de luxo, conforto, e sentir saudade de um casebre como aquele em que a menina vivia?

Haja paciência!

Luiza experimentou, docilmente, a roupa de Cinderela, a de Branca de Neve e a de Bela Adormecida.

Eram todas lindas, não pinicavam nem nada, mas Babá não viu brilhar, nem por um minuto, os seus olhos castanhos.

Já fazia uma semana que a menina estava assim. Triste de dar dó.

Nem o papel de parede, nem o tal cachorro-robô, nem os fantoches tinham sido capazes de tirar Luiza daquela melancolia.

– Vem brincar, Luiza! – Chamou Babá, sentada no chão, rodeada de brinquedos.

Luiza continuava deitada, abraçada com um cachorrinho de pelúcia, os olhos fechados, fingindo dormir.

Eu preferia que ela estivesse fazendo manha,

malcriação, pensava Babá. Nunca vi criança ficar assim! Desse jeito vai ficar doente, nem à praia quer ir mais... Levantou-se, foi até a cama de Luiza e, como ela não abrisse os olhos, saiu do quarto. Foi chorar as mágoas com a cozinheira.

Na manhã seguinte, Luiza ardia em febre.

Avisada, a moça rica chamou o pediatra. Queria que ele fosse à sua casa e queria já!

Ele foi. E só quando ele chegou, a moça rica foi até o quarto de Luiza.

O pediatra estava espantado. Aquela garotinha de rosto rosado pela febre, o corpo frágil perdido no meio dos lençóis, não se parecia em nada com a criança forte e saudável que ele vira há menos de três meses.

Ao terminar o exame, virou-se para as duas mulheres que estavam em pé ao lado da cama:

– Vamos conversar lá fora – Disse, fechando sua maleta. E passando a mão levemente na cabeça da menina, despediu-se: – Tchau, princesa.

Antonia varria a casa, quando pensou ouvir ao longe o barulho de um carro.

Por um momento ela e o cachorro aguçaram o ouvido.

Depois correram para o quintal.

Primeiro a poeira, depois o barulho crescendo, trazendo com ele o brilho do metal cromado e a esperança.

Esperança que logo se acabou. Não era o carro da moça rica.

Antonia não esperou o carro parar. Voltou para dentro de casa, arrastando os pés sob o peso de sua dor.

Ia recomeçar a varrer quando o cachorro disparou a latir e uma voz pequenina fez disparar seu coração:

– Mãe! Mamãe!

As pernas de Antonia bambearam, sua cabeça girou. Não conseguia comandar seu corpo, tudo nele enlouquecido, fora do lugar.

Luiza entrou e se jogou em seus braços.

Voltando para casa, o homem sentia um misto de alívio e frustração.

Deixara com Antonia o seu telefone, caso Luiza precisasse de alguma coisa. Deixara também as roupas e brinquedos da menina.

Ao entrar no carro, olhara mais uma vez para a mulher jovem e maltratada que sorria, radiante, com a filha no colo.

Luiza se aconchegava nela como um bichinho.

Será que algum dia uma criança vai me olhar com aqueles olhos transbordando de amor?, se perguntou mais uma vez.

Então teve a certeza do que queria. E fez sua escolha.

Com

Elaine Vidal, Eliana Yunes, Maria Aparecida Ribeiro, Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque, Marina Colasanti, ReginaZilberman e Sueli Rocha

Andersen de todos os tempos

Regina Zilberman

Hans Christian Andersen talvez seja um dos autores mais conhecidos da literatura infantil, gênero cujos aficcionados costumam memorizar tramas e personagens, mas esquecem o nome de quem as inventou. Nem todos sabem quem foram os Grimm ou Carlo Collodi, porém todos lembram as peripécias de Chapeuzinho Vermelho ou de Pinóquio.

Andersen teve mais sorte: como os Grimm, aproveitou narrativas do folclore de sua terra natal – os Eventyr, equivalentes em parte aos Märchen alemães – e, como Collodi, criou personagens, como o patinho feio e o soldadinho de chumbo; mas nunca foi ignorado por seus leitores, nem o que representou foi desconhecido. Talvez isto se deva ao lugar que ocupou na literatura européia e às transformações a que procedeu nas histórias destinadas ao público infantil.

Ele nasceu em 2 de abril de 1805, em Odense, cidade dinamarquesa situada na ilha de Fünen, filho de uma lavadeira e um sapateiro oito anos mais jovem que a esposa. O pai, homem culto e grande leitor, abraçou as idéias revolucionárias francesas, tendo desejado lutar ao lado de Napoleão Bonaparte em 1812. A mãe, porém, era iletrada e supersticiosa, de modo que o menino conheceu, na infância, dois mundos culturais diversos, procedente, um, dos clássicos da literatura, e o outro, do que lhe transmitiam as mulheres da família, que acreditavam em bruxaria e magia negra.

A pobreza da família impediu sua educação formal, situação que piorou com a morte do pai, em 1816. A mãe casou de novo em 1818; em 1819, com 14 anos, Hans Christian transferiu-se para Copenhagen. Passou dificuldades, mas conseguiu completar seus estudos secundários e superiores. Dedicou-se à carreira das Letras: fez traduções, escreveu peças de teatro, publicou poesia e ficção, até que, com a edição do romance O improvisador, em 1835, conquistou fama nacional e internacional, bem como obteve condições de se sustentar economicamente com a atividade literária.

Em 1835 lançou também a primeira série de contos destinados a crianças, constituída por “O

isqueiro mágico"; "Nicolau Grande e Nicolau Pequeno"; "As flores da Pequena Ida"; "A princesa e o grão de ervilha". A iniciativa foi bem sucedida, levando-o a editar, uma vez por ano e perto do Natal, um volume contendo histórias endereçadas ao público infantil; só em 1872 interrompeu a seqüência, mas, a estas alturas, já tinha escrito mais de 150 relatos. Era, na Europa, o nome mais popular da literatura para crianças.

No início, Andersen valeu-se das narrativas folclóricas que, segundo ele, tinha ouvido em Odense. Depois passou a inventá-las, criando enredos e personagens inspirados por sua fantasia. "O patinho feio" talvez seja a mais difundidas das narrativas imaginadas pelo escritor dinamarquês.

O enredo do conto é conhecido mesmo por quem nunca leu o original: a personagem do título nasce em meio a um grupo que não o aceita, por não reconhecê-lo como igual. A dessemelhança física gera o afastamento, compensado quando o herói descobre-se cisne, isto é, quando desabrocha sua identidade, em meio a um grupo que o aceita como ele é. A sinopse antecipa os vários significados que a narrativa comporta: dirigida ao público infantil, expressa a menoridade da criança no contexto social, sua posição secundária, a ser suplantada por meio da revelação de seu verdadeiro ser. Mas pode ser lida pelo público adulto, por alegorizar a exclusão a que a sociedade remete os não-escolhidos, até que esses conseguem construir seu espaço. Nas últimas décadas, em que segmentos étnicos e de gênero "saíram do armário" para reivindicar seu lugar e brigar por seus direitos, o patinho pode se apresentar como símbolo dos preconceitos a vencer e do futuro a almejar.

Nem tudo são vitórias, porém, no universo de Hans Christian, como sugere outra narrativa, "O soldadinho de chumbo". Ela chama a atenção por romper com o tipo de texto até então destinado à infância, já que, nessa história, o espaço da ação é eminentemente urbano, como a residência burguesa, onde se passam as cenas interiores, e as ruas da grande cidade, com meninos anônimos, rede de esgotos, canais e mercado, onde se passam as cenas exteriores. O modo como as personagens são apresentadas também difere, não só por estarem integradas a esse novo sistema de vida, quanto por serem produto dele.

Eis por que um brinquedo, objeto que começou a fazer parte do cotidiano da criança no contexto da sociedade capitalista moderna, pode ser o herói da narrativa.

É interessante observar como o narrador constrói essa personagem, que se particulariza porque possui vida interior: pensa e, sobretudo, sente – enquanto soldado, é bravo e destemido; enquanto homem, está apaixonado e mantém-se fiel à namorada. Com esse artifício, Andersen pode traduzir para a criança o modo como ela lida com seus brinquedos: ela sabe que eles são objetos inanimados; mas dota-os de vida própria e imagina enredos e aventuras para eles, passando com relativa facilidade, mas sem desconhecer as fronteiras que os separam, do mundo real para o da fantasia e vice-versa. Pode acreditar, como na cena noturna de "O soldadinho de chumbo", que, enquanto ela dorme, os bonecos brincam entre si; porém, está igualmente consciente de que este é um universo fantástico a que não tem acesso. Não há possibilidade de comunicação entre os dois planos; só a imaginação aproxima as duas pontas, conforme Andersen procede na sua história, evitando desmentir a forma como a criança vivencia o real e, simultaneamente, procurando tirar o melhor efeito artístico dessa experiência peculiar de mundo.

Assim sendo, o leitor tem uma percepção da personagem similar a que ele, enquanto criança, tem dos objetos com os quais se relaciona: sente-se perto dele porque pertence ao seu ambiente cotidiano; e acredita na aventura imaginária do soldadinho, porque esta é narrada de modo semelhante ao que ele mesmo cria com seus brinquedos. Porém, sabe que há uma diferença entre os dois, pois o protagonista pertence a um universo que não é o seu e ao qual obtém ingresso unicamente por intermédio da fantasia. O estabelecimento dessa equivalência, por parte de Andersen, é importante, por permitir-lhe trabalhar outra singularidade do conto: seu final.

Ao contrário do modelo tradicional de narrativa infantil, "O soldadinho de chumbo" não termina bem. Melhor dizendo, é um relato em que tudo corre mal para o herói: foi o último a ser fabricado a partir de um cano velho, falta-lhe uma perna, a namorada é-lhe indiferente por grande parte do tempo, ele se perde dos companheiros e, quando reencontrado, é jogado no fogo. Apenas simbolicamente a conclusão

reconcilia o protagonista com a bailarina, pois ambos são, de fato, destruídos. Assim, o texto contradiz um estereótipo: não apresenta um final feliz; contudo, ninguém afirmaria que não é adequada à criança ou que não se trata de literatura infantil.

Profundamente inventiva, a história do bravo soldado apaixonado pela inatingível bailarina – símbolo de um ideal a ser sempre perseguido, por pior que seja a situação pessoal do indivíduo – representou um marco na trajetória do gênero a que seu criador acabou por se engajar. E sua leitura hoje ressalta uma vez mais o selo de originalidade que, desde seu nascimento, a narrativa contém.

A roupa nova do imperador aponta para outro lado do fazer artístico de Andersen. Aproximando-se à fábula, a história quer ensinar algo, ao narrar as desventuras públicas causadas a um rei vaidoso que descura dos negócios do Estado para dar atenção tão somente à aparência pessoal. Antes de tudo, denuncia o comportamento de governantes e governados, sobretudo os primeiros, preocupados exclusivamente com eles próprios e lutando para conservar cargos e vantagens, ainda que isso lhes custe a honestidade e os princípios éticos. Os outros não querem passar por bobos, tratando de manter a imagem externa que acreditam ter conquistado. O resultado é uma mentira coletiva contaminando a sociedade: essa é governada por um mau rei, porque é tão vaidosa quanto ele. Assim como o chefe do Estado, aceita a falsidade, legitimando os atos condenáveis e, portanto, perdendo o direito à reclamação. Mesmo porque não teria a quem se queixar: todos são coniventes com a trapaça, a não ser os dois vigaristas, que ficam imunes dada a situação irregular generalizada.

A crítica de Andersen é amarga, mas oferece uma saída por meio da ação da criança, que desmascara a farsa. O menino, portador da "voz da inocência" ausente do grupo, recupera a honestidade perdida, e sua ação contagia a comunidade: após seu grito de alarme, os outros vão se conscientizando da falcatrua, e esta sobe à tona. A sociedade purga o mal cometido, deixando o imperador solitário, entregue a si mesmo: em seu lugar reina agora um garoto, responsável pela regeneração coletiva.

O conto, como uma fábula, oferece ao leitor uma lição. Contudo, o aprendiz agora é o adulto,

não a criança, pois é ela o elemento deflagrador da rebeldia que desmascara o rei. A conclusão parece paradoxal, já que estamos perante um texto dirigido ao público infantil. Nem por isso, entretanto, deixa de manter-se fiel às características do gênero.

Em primeiro lugar, não apenas o menino percebe que o rei está sendo enganado; o narrador também está ciente disso e revela a verdade desde a abertura do conto. Portanto, igualmente o leitor fica conhecendo tanto o caráter do imperador e seus súditos, como a vigarice preparada pelos dois trapaceiros. Num texto de literatura infantil, esse leitor só pode ser uma criança, de modo que a verdade circula naturalmente nas pessoas dessa faixa etária. O narrador não poderia proceder de maneira semelhante, se o texto fosse destinado apenas aos adultos, pois é a honestidade e a inocência da infância o que ele busca. Eis por que, numa primeira instância, o conto deve ser lido para e pelas crianças.

Além disso, o autor deseja preservar aquelas virtudes entre seus destinatários, de um lado, para que, quando crescerem, possam impô-las à sociedade. De outro, para que os meninos sirvam de exemplo aos maiores. Este aspecto é muito importante, porque resulta de uma inversão: até então, a literatura infantil fornecia modelos de comportamento aos pequenos, tomando os adultos como marco. Andersen procede a uma troca: a criança é que oferece o exemplo a ser seguido, mesmo quando arrisca tomar uma atitude dessacralizadora que pode desagradar aos mais velhos. Com isso, seu ângulo é reforçado: ela não precisa introjetar a moral da história (isso compete aos adultos), mas pode descobrir que seus atos espontâneos são válidos. Ainda que esses cheguem a resultados imprevistos, mostram-se melhores que as ações dos adultos, corrompidos pela hipocrisia das aparências.

Não por acaso a história do imperador que se viu nu e envergonhado perante os subordinados ultrapassou os limites do livro e instalou-se no cotidiano dos atos mais triviais de todos nós. Nem por isso ela é menos importante enquanto literatura para crianças, porque escrita desde a perspectiva dos pequenos leitores e a seu favor.

Outro imperador protagoniza um conto de Andersen: governando riquíssimo território, a personagem central de "O rouxinol e o imperador" não

se preocupa com sua aparência, mas não está menos alheio ao que se passa em seu reino, onde um rouxinol encanta a todos os que o ouvem, ao ponto de ser o assunto de conversas e dos livros dos visitantes estrangeiros que chegam à China. Quando, enfim, toma conhecimento da existência do magnífico pássaro cantor, o imperador aprisiona-o em seu palácio, onde todos podem escutá-lo. A pequena ave sujeita-se à nova condição, procurando agradar seus ouvintes, até que o imperador recebe uma versão artificial do rouxinol, que canta como o primeiro, mas que, como toda cópia, não tem vida.

O governante dos chineses acaba preferindo o novo rouxinol, até o brinquedo estragar. Privado de sua música, o imperador adoece; mas, às portas da morte, o verdadeiro rouxinol retorna, salvando-o do perigo iminente. Restaurado, o rei deseja que o pássaro permaneça no palácio, mas esse recusa, lembrando que sentia falta de seu habitat natural, mas, ao mesmo tempo, afirmando que jamais abandonará seu principal admirador.

Nos primeiros parágrafos, o conto parece dar seqüência à narrativa de A roupa nova do rei, já que o protagonista mostra-se caprichoso e indiferente ao mundo de seus governados, como uma criança mimada e ausente. Contudo, o objetivo de Andersen é expressar a função da arte e o papel da artista na vida humana. O rouxinol produz um canto inesquecível e variado, ao qual ninguém resiste, e o próprio imperador transfigura-se ao escutá-lo. A música representa, pois, o caráter encantatório da arte, que comove a todos, independentemente de sua posição de classe, de grau de instrução ou de faixa etária. Eis porque todos se maravilham diante da ave, que distribui seu canto, sem desejar qualquer tipo de recompensa, a não ser a emoção do público, representadas pelas lágrimas do imperador.

A arte e seu intérprete estão, porém, ameaçados: o rouxinol artificial, simbolizando a interferência da técnica na criação artística, provoca similar entusiasmo em boa parte de seu público. Esse, por sua vez, divide-se entre os que aceitam o falso rouxinol e satisfazem-se com isso, pertencentes aos grupos dominantes, e o povo, que rejeita a imitação e mantém-se fiel ao original. A separação, desde logo, é significativa, porque expressa a adesão de Andersen à autêntica criação artística, reconhecível primeiramente pela audiência popular, e só depois pelos membros do poder e das camadas elevadas. Oriundo do campo e dos segmentos pobres da população dinamarquesa, o escritor expõe seu ideário, coerente e solidário ao mundo de onde proveio.

Todavia, ele não se contenta com isso, pois mostra que, ao contrário do rouxinol natural, o artificial tem vida breve e, além disso, é imune às reações dos ouvintes. A situação do imperador, à morte, implorando que o brinquedo volte a manifestar-se, é sintomática do silêncio estabelecido entre o objeto artístico e o destinatário, quando àquele faltam a naturalidade e a espontaneidade.

Fosse "O rouxinol e o imperador" uma história moralista, o protagonista seria castigado por sua inconstância e leviandade. Mas a generosidade do artista, logo, do próprio Andersen, não permite que isso aconteça: o rouxinol retorna, afasta a morte, demovida de seus intentos graças à beleza da música, e salva o rei. Seu único preço é a reivindicação de liberdade, condição imprescindível à inventividade e originalidade da arte.

"O rouxinol e o imperador" é, pois, a manifestação mais completa do ideário de Andersen e, provavelmente, um de seus contos mais bonitos. Sinaliza igualmente a perenidade da obra do autor, que, lido em nossos dias, mostra-se tão atraente, quanto há mais de cem anos, quando as crianças aguardavam o Natal, para receberem a nova coleção de histórias oferecidas por ele. A leitura de Andersen suscita, pois, releituras, de que são exemplos as possibilidades propostas por quatro brasileiros, fãs do rouxinol dinamarquês, que, como excelentes admiradores, elaboram suas próprias narrativas para que, nós, leitores, pensemos nossas próprias histórias, e assim sucessivamente.

Regina Zilberman é Doutora em Romanística pela Universitat Heidelberg (Ruprecht-Karls), professora colaboradora do Instituto de Letras, da UFRGS, e professora-pesquisadora na Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras. Foi professora titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e é autora de inúmeros livros e ensaios na área de leitura e literatura.

Quando a diferença funda a identidade

Marina Colasanti

Conferência realizada no Congresso Lectura 2006,
realizado em pelo Comitê do IBBY em Cuba.

O título que dei a essa nossa conversa não deixa muito claro que o tema que me foi solicitado é " Os livros para crianças e jovens, e a identidade cultural". Confesso que, toda vez que tenho que enfrentar esse tema – e tem acontecido com mais freqüência ultimamente – começo em pleno desconforto, perguntando-me o que é isso, de fato. Temos falado tanto em identidade cultural, a expressão está tão encoberta de significados já prontos, cristalizados, que me chega como se viesse vazia. Para reencontrar a vitalidade do seu sentido, preciso procurar fundo dentro de mim. O que encontro dentro de mim é intenso e claro, mas extremamente pessoal. E ao dizer "pessoal", uma voz interna me adverte: todo pessoal é coletivo, porque no coletivo tem sua origem.

Minha identidade cultural, assim como a de um número crescente de pessoas no mundo inteiro, não é algo que se possa prender num mapa com um alfinete, como se espeta uma borboleta sobre o veludo. Nasci na África , mas a África que guardo em mim é uma África colonial que já não existe, um país que mudou de nome três vezes, um punhado de fotos na gaveta. Ainda assim sou africana, única da minha família, e isso marcou de diversidade toda a minha vida. Cresci na Itália como italiana, mas sem ter uma cidade que fosse minha, pois morei em muitas. Aos dez anos fui viver no Brasil, e lá construí a segunda parte da minha vida. Hoje sou, para todos os efeitos, uma escritora brasileira. E, se é verdade que língua é pátria, como disse Fernando Pessoa, eu tenho duas.

Qual o resultado disso na minha identidade cultural? A multiplicidade: um paladar italiano, um dançar brasileiro, trigais e palmeiras, a selva e o deserto. E a sensação, dominante, de que minha identidade cultural não é um bloco que me tenha sido dado por um país, por uma família, por uma ideologia, por uma escola ou por uma moral. É fruto de um conjunto de fatores que construíram meu olhar cultural sobre o mundo, e que me foram dados pela vida.

Não sou eu, porém, a razão de ser dessa conversa. E se me coloquei assim na frente é apenas porque sou uma entre muitos. E é por esses muitos que nos debruçamos uma vez mais sobre o tema.

O mundo está cheio de crianças migrantes. Não é uma novidade, sempre foi assim. A humanidade começou a migrar tão logo surgiu, levando suas crianças às costas ou no ventre. Somos uma espécie quase nômade,

mesmo quando não vivemos em tendas. Migramos levados pela fome, pela perseguição, pelo desejo de crescer, pela curiosidade. Mas se o deslocamento não é um fenômeno novo, novas são as estruturas em que se realiza.

Se pensamos nos grandes movimentos migratórios que povoaram – ou melhor dito, repovoaram – as américas, destacam-se a massa escrava trazida da Africa, e as levas de europeus (no Brasil, também japoneses) do séc. XIX. Eram carregamentos humanos importados oficialmente, gente que vinha com lugar marcado, e contrato assinado – fosse de compra ou de trabalho – atando-os a esse lugar. Vinham para viver em senzalas ou em guetos migratórios, e sua assimilação não inquietava ninguém, nem era especialmente desejada. Se daria automaticamente, através do tempo, do trabalho, do sacrifício. Não havia pressa. Nem motivo de preocupação.

Felizmente, isso mudou. Mas não nos façamos ilusões românticas, a preocupação que hoje nos tem aqui reunidos não se origina em uma nova etapa cultural alimentada por sentimentos humanitários. Os seres humanos continuam tão cruéis e egoístas quanto sempre foram. A preocupação mundial com a identidade cultural se deve à insegurança dentro das frágeis fronteiras – eu poderia dizer "medo" mas me abstenho – e às leis de mercado.

As últimas décadas viram aumentar enormemente os deslocamentos humanos, e sobre esse novo nomadismo debruçam-se cientistas sociais do mundo inteiro. Mas ninguém mais sai do seu país para ficar de lugar marcado na terra dos outros, nem hipoteca seu presente em nome de um futuro distante. Os novos nômades têm pressa de vencer, e chegam buscando seus direitos. Quando os africanos encheram nossas senzalas, ninguém parou para pensar nos seus problemas de identidade cultural e muito menos nos da sua descendência. Hoje, quando as ruas da Europa estão cheias de africanos emigrados legal e ilegalmente, tornou-se necessário conhecer – ou organizar – a identidade dos seus filhos. Os filhos dos escravos não iam à escola com os filhos dos donos da terra, mas os filhos dos africanos na Europa vão à escola com os filhos dos empregadores dos seus pais, e ainda, com os orientais, com os árabes, com os latino-americanos. Esse mix requer atenção.

E não são só as crianças migrantes que nos preocupam. Enquanto uma parte abandona fisicamente sua terra natal, outra parte ainda maior é expatriada culturalmente sem sequer sair do seu país. São as crianças submetidas à invasão cultural das sociedades dominantes, que penetram em suas casas através da televisão, que se escondem debaixo das suas camas nas revistas em quadrinhos, que as assaltam dos outdoors quando vão à escola, que as esperam empoleiradas nas prateleiras dos supermercados, que marcam suas roupas e ditam suas escolhas.

Isso também não é novidade, o mundo sempre teve culturas dominantes, o mais forte sempre impôs aos mais fracos sua língua, sua arte e seus produtos. Novidade alarmante é a proporção que isso adquiriu.

Chorei muito quando li "Os meninos da rua Paulo", chorei todas as vezes que o reli. A única coisa que eu sabia da Hungria, onde o romance se passa, era que tinha como capital Budapeste, uma cidade que eu não conhecia. Mas nada me fez falta na leitura. Agora acabei de recebê-lo em minha casa, reeditado para as crianças brasileiras desse outro século, que da Hungria sabem ainda menos do que eu soube. Não tenho nenhuma dúvida de que vão chorar.

Que tão complexa é a questão dos livros para crianças , e que labiríntica se torna quando lhe agregamos o problema da identidade cultural.

Vamos tentar pegar a ponta dessa meada pelo princípio. Olhemos o "Panchatantra", que é onde , segundo Max Müller, a nossa literatura tem uma das suas mais fortes raízes. O começo, então, se localiza na India, no século I da nossa era, naquelas histórias que escritas em sânscrito, viriam a formar 5 livros de sabedoria. São cerca de 70 contos, inscritos em uma moldura narrativa, nos quais os animais falam e interagem com os humanos. Ali, tudo ocorre sob o signo da diferença. Na verdade, uma dupla diferença: entre os dois debatedores – humanos e animais – e entre imaginário e realidade, pois os animais falam e conseguem exprimir aquela inteligência que os humanos sempre lhes negaram.

Quando, sete séculos mais tarde, e já tendo tido uma outra versão indiana, o "Panchatantra" dá origem à versão árabe "Calila e Dimna", o destino da literatura ocidental se faz ao largo.

De Bagdá à Europa, os contos são imediatamente traduzidos. Os animais que falavam árabe ganham fala espanhola, italiana, provençal, alemã, e juntamente com os humanos com quem dialogam, vão adquirindo características desse ou daquele país, adaptando-se, fundindo-se ao folclore já existente, assimilando a tradição greco-romana, e dando origem ao riquíssimo folclore europeu, que mais tarde migraria para as Américas, enfrentando nova fusão com as ricas tradições locais.

Amplia-se a dinâmica inicial das diferenças.

É essa mesma dinâmica que vamos colher bem adiante, na obra dos Grimm, registro da antiga voz do povo alemão. Tomemos um conto muito conhecido, "Ferdinando Fiel e Ferdinando Infiel". Temos um único nome para duas personagens diametralmente opostas , como se um fosse a inversão do outro, ou como se os dois fossem o desdobramento de um só. Todo o conto vai ser conduzido por essa oposição, com um Ferdinando fazendo de tudo para destruir o outro – não preciso dizer qual. Ferdinando Fiel é bom, mas não é muito esperto, em compensação sal-

va um peixe e encontra um cavalo que não apenas falam, como resolvem todos os problemas dele, e ainda lhe ensinam como dominar dois gigantes e algumas grandíssimas aves. Ferdinando Infiel é mau, e além de esperto tem a capacidade de ler tudo o que se passa na cabeça alheia, o que, de forma figurada, significa sua presença dentro da cabeça de cada um, como participante do seu pensamento, presença constante do mal. O conto chega ao fim com o Fiel vitorioso na disputa, cavalgando contente seu cavalo branco, enquanto do destino do Infiel nada nos é dito.

Temos outro elemento de diferença atuando neste conto, a eterna diferença entre pobres e ricos, que o folclore resolve, simbolicamente, através do amor. Ferdinando Fiel é pobre, tão pobre que os pais, não encontrando ninguém que queira ser seu padrinho, o dão como afilhado a um coitado qualquer de uma aldeia vizinha. Ainda assim, termina casando com uma rainha, que por amor a ele decapita o rei seu marido.

No conto "Hans meu porco-espinho", também dos Grimm, a relação entre homens e animais e a dialética da convivência entre diferentes é exposta de maneira ainda mais flagrante. Um homem, infeliz por não conseguir filhos, lamenta-se e exclama que qualquer filho serviria, " Hei de ter um filho! Nem que seja um porco-espinho". E logo, a esposa dá à luz uma criatura, menino da cintura para baixo e porco-espinho da cintura para cima, que é batizada Hans Meu Porco-espinho. Praticamente ignorado pelos pais, criado atrás do fogão, irá viver por sua conta na floresta, cavalgando um galo e tocando em sua gaita de foles músicas maravilhosas. Não há nele nenhum conflito por sua condição, homem e animal convivem harmoniosamente em uma só pessoa, utilizando as recíprocas diferenças: o porco espinho usa a voz humana e toca a música que acabará fazendo dele um príncipe, o homem se aproveita dos espinhos do animal para castigar uma princesa falsa e mentirosa. E uma diferenciação mais se manifesta: quando, para tornar-se só humano, Hans abandona e manda queimar sua pele de porco-espinho, emerge completamente negro, como se queimado ele também. Para poder casar enfim com a princesa boa, terá que ser lavado com ervas, até ficar pálido como ela.

Um leão é o sagaz conselheiro de um rei no conto "Os Onze Caçadores", um linguado retribui a generosidade de um pescador atendendo os desejos de riqueza da sua mulher em " O pescador e sua mulher", uma raposa resolve todos os problemas do filho mais moço do rei em "O pássaro dourado", e todos conhecem aquele lobo tão esperto que se disfarça de avó, se mete na cama, e até imita a voz da pobre velhinha já devorada. Percorrendo os 200 contos recolhidos pelos Grimm, a lista seria longa demais.

Mas, é claro, a origem dessas histórias é muito anterior à invenção da criança como ser humano diferenciado. Está mergulhada em um tempo em que o ato de contar não visava um alvo específico, mas destinava-se a qualquer ouvinte disponível e obedecia apenas`a necessidade humana de fabular. Um pouco como ainda hoje se contam histórias na praça Jeema El Fna, em Marrakesh.

Muitas coisas haveriam de mudar, até chegar aos Grimm. Não preciso aqui, entre profissionais, percorrer a história da literatura infantil, falar no século XVII, lembrar Rousseau. Nos baste dizer que, a partir de um certo ponto, as crianças deixaram de ser consideradas apenas ouvintes disponíveis. E os novos enfoques exigiriam, dali para a frente, que um material narrativo específico passasse a ser produzido para elas, assim como que se adaptasse às suas necessidade o material pré-existente.

Ainda assim, mantinham-se a coexistência e o enfrentamento entre diferentes.

Andersen foi um mestre dessa dualidade. Curiosamente, retoma a duplicidade dos ferdinandos do folclore alemão em um conto intitulado "Pequeno Claus e grande Claus". Ali também, um é o oposto do outro, um pobre, outro rico, um bom, o outro mau, mas o Pequeno é muito esperto, enquanto o Grande é equivalentemente bobo, e será o Pequeno que, com sua astúcia, acabará levando o Grande à perda de todos os seus bens e à morte. Nos mais de cem contos de Andersen, inúmeras personagens se estendem as mãos por cima da diversidade: uma sereia se enamora de um príncipe, o patinho mais feio da ninhada revela-se um cisne, o soldadinho de chumbo se apaixona por uma boneca, uma mulher planta um grão de cevada de cuja flor sai um menina pequena pequena, que será almejada como esposa por um sapo, será seqüestrada por um besouro, será acolhida por uma rata, pedida em casamento por uma toupeira e salva por uma andorinha, até encontrar um semelhante, príncipe pequeno pequeno que a pede e a obtém em casamento.

Wilde põe um gigante em um jardim onde brincam criancinhas, e tece uma aliança entre uma andorinha e a estátua de um príncipe. Carrol faz com que uma menina bem educada converse com uma lagarta, tome chá com uma lebre e um caxinguelê, jogue croquê com flamingos a pedido de uma rainha e de uma corte de cartas de baralho.

Barrie escolhe como companheiros de seu menino voador, na Ilha do Nunca, sereias, uma fada minúscula e sensual, índios peles vermelhas, um pirata e um crocodilo.

E Collodi extrai de um toco de madeira uma voz que logo será uma marionete, cujas aventuras irão incluir um grilo sábio e falante, uma raposa e um gato trapaceiros, uma gigantesca serpente, um tubarão voraz, uma fada que para caracterizar sua unicidade tem cabelos azuis. E a própria marionete deverá se transformar primeiro em burrinho, para depois tornar-se, finalmente, um menino.

Essa linguagem de multiplicidade, que enfatizava simbolicamente o encontro e a convivência com o outro , parecia perfeitamente apropriada para crianças.

E então entramos em uma era de realismo e objetividade, em que o lado didático da literatura infantil pareceu agigantar-se. E às águas dessa corrente já caudalosa, vieram juntar-se os inúmeros afluentes originados pela psicanálise. O mercado de livros para crianças encheu-se de histórias contadas apenas para, supostamente, ajudar o jovem leitor a superar as etapas , ou os traumas, do seu crescimento. Tudo haveria de ser resolvido através da identificação. O discurso simbólico foi substituído pelo discurso realista, a linha reta tomou o lugar da espiral, o diferente foi substituído pelo semelhante.

Assim, tivemos infinitos livros contando a história do menino cuja avó foi para o céu, da menina cujos pais se separaram, do filho único que vê chegar um irmãozinho, da nova namorada do pai, do novo namorado da mãe, da tragédia de ter espinhas, da primeira menstruação, do primeiro amor, da primeira desilusão. Livros que o mercado recebia de braços abertos, que as editoras solicitavam, e que professores e psicólogos recebiam sorrindo em êxtase. Fáceis de fazer, fáceis de trabalhar, fáceis de ler, o que mais se poderia desejar?

Mais que livros, eram espelhos. E planos.

Mas a criança , que ainda está estruturando seu eu, não se vive como um semelhante. Se vive como um diferente.

Ela é diferente em relação aos adultos, que constituem a grandíssima maioria do seu entorno – sobretudo depois das políticas de decréscimo populacional e conseqüente diminuição das famílias –, adultos que fazem questão de enfatizar essa diferença, colocando constantemente a criança "no seu devido lugar". São clássicas as frases "você é muito pequeno para fazer isso" " você ainda não pode entender" " isso não é para crianças" "hora de criança ir para a cama" " só quando você crescer".

E é diferente em relação às outras crianças. Em parte porque nesse período da vida, cada idade estabelece uma diferenciação, na graduação de valores em que os mais velhos são sempre superiores aos mais moços. Em parte porque cada criança traz ainda, como formadora da sua identidade, toda a família; e o núcleo familiar de uma é sempre complexo, quase misterioso para a outra, sempre vivido como diferente do seu.

E diferente até em relação a si mesma, pois tudo nela muda tão constantemente -o tamanho, as possibilidades, os desejos – que muitas vezes, como Alice em sua travessia, a criança sente dificuldade em se reconhecer.

Toda criança é um patinho que com freqüência se sente mais feio que os outros, mais fraco que os outros, rejeitado pelos outros, e que planeja, como vingança e redenção, tornar-se no futuro o mais maravilhoso dos cisnes. Não à toa, o conto de Andersen mantém inalterado sucesso ao longo dos anos.

Nesse período de insegurança e indefinição, a criança é para si mesma um espelho demasiado pobre. Será através do outro, mais do que através do seu próprio reflexo, daquele outro que ela quer plagiar ou

de quem vê os defeitos, que ela fará suas avaliações, num jogo de comparações estruturante.

Se é na diversidade que se funda a identidade, porque acreditar em um processo diferente para a identidade cultural? Ou não é a identidade cultural parte compositiva, fundamental e indissolúvel, da identidade em si? Cada um de nós pode dizer: sem minha identidade cultural eu não sou eu, sem minha identidade cultural eu não sou ninguém.

Quando, em 1880, Collodi publica o primeiro livro da trilogia "Viaggio di Giannettino per l'Italia" (viagem de Giannettino pela Itália), a Itália havia acabado há pouco seu processo de unificação e apostava em livros de leitura, paradidáticos, capazes de interpretar os princípios que a nova estrutura pedagógica desejava promover. Tratava-se de apresentar às crianças seu novo país, e de ensinar-lhes os códigos sociais e privados que viriam a fazer delas seus cidadãos ideais. Ao longo de três livros, Giannettino, um menino entre os dez e os doze anos, vai viajar respectivamente através da Itália do Norte, Central, e do Sul, mostrando, em detalhes, as características de cada região, os usos e costumes, a geografia. A série obteve um êxito estrondoso, enriquecendo seu autor e, não fosse o vício do jogo, é provável que Collodi jamais viesse a aceitar a encomenda de um folhetim infantil que haveria de se chamar "Pinóquio, as aventuras de uma marionete".

Se eu, aqui, nesse universo de especialistas em literatura infantil, pedisse que quem leu qualquer dos três livros de Giannettino levante a mão, quantas se levantariam? Se tanto, a de algum especialista italiano. Quanto aos demais, é provável e muito justo que sequer tenham jamais sabido da sua existência. No entanto, todos conhecem Pinóquio.

A série de Giannettino tinha, debaixo de uma embalagem narrativa muito bem escrita e cheia do humor característico de Collodi, a clara finalidade de fortalecer, ou mais propriamente, criar uma identidade cultural nova para as crianças. Mas podemos crer que as crianças, ao chegarem à idade de Giannettino, com quem deveriam se identificar, já tivessem uma identidade cultural firmemente introjetada. E ela não era menor, apenas pela inexistência de uma Itália unificada.

A identidade cultural das crianças estava ancorada na sua região, ou no seu estado, com ramificações que se estendiam pelo mundo circundante. E assim continuaram os novos italianinhos mesmo depois de ler Giannettino, cada qual com seus hábitos e costumes regionais, cada qual para sempre ligado ao silvar dos pinheiros no vento ou aos picos nevados ou ao cheiro da maresia, cada qual com suas músicas e suas danças, com seus sabores maternos no paladar, e mesmo, por muitos e muitos anos, com seu dialeto primeiro sobre a língua. Com a diferença que boa parte do mundo circundante agora chamava-se Itália, e igualmente lhes pertencia.

A longo prazo, é certo que Pinóquio, cuja intenção nunca foi didática, fez muito mais pela identidade cultural italiana, do que os três livros de Giannettino.

E aqui chegamos à dramática encruzilhada da literatura infantil: livros para crianças ou literatura? Ou, mais claramente: pedagogia ou arte?

Há muitos anos nos d ebatemos em patético cabo de guerra sobre esse campo minado, editores, críticos e autores, puxando cada um do seu lado. Só quem sorri tranquilo é o mercado, alheio à discussão; o que ele quer é vender. E sabe que, em matéria de vendas, pedagogia é um golpe certo graças à escola, que só está interessada em ensinar, graças aos pais, cuja consciência se tranqüiliza por estar comprando coisa útil ao invés de sonhos. E graças, em muitos países, aos governos, que preferem comprar mensagens a comprar símbolos, porque as mensagens são mais claras de entender e de controlar, enquanto os símbolos são cheios de fundos falsos e portas secretas por onde o não dizível pode ser dito.

O universo da literatura adulta, também tem composição heterogênea: livros que não têm qualquer valor artístico, livros que pretendem ensinar a viver – a famigerada auto-ajuda –, livros que só pretendem distrair, e obras verdadeiramente literárias. Mas os escaninhos têm rótulos claros, e os eventuais enfrentamentos não se assemelham, nem de longe, aos que ocorrem com o material destinado às crianças e aos jovens.

Podemos, então, atribuir o vento áspero que sopra em nossa encruzilhada a dois fatores. Um: a criança não escolhe seus próprios livros. Dois: o irresistível impulso dos adultos de usar o prazer da leitura como cavalo de Tróia em cujo ventre se escondem os ensinamentos capazes de moldar as pequenas cabeças – sem que nunca se reconheça a manipulação que ali se mistura, e se disfarça, com o afeto.

Eu sou autora, – como autora fui aqui chamada a me manifestar – e sempre puxei meu modesto pedaço de corda pelo lado da literatura. Literatura é arte, e só não confia na sua capacidade de ensinar – refiro-me ao conceito mais profundo do que seja ensino – quem não acredita na arte como elemento formador por excelência. Literatura é discurso simbólico, e os símbolos são a forma de comunicação mais condensada entre todas, pois o conteúdo de um único símbolo pode abrir-se em ondas concêntricas até alcançar distâncias inimagináveis, e dizer muito mais a um leitor do que páginas e páginas didaticamente concebidas.

Impossível, para mim, aceitar a afirmação do filósofo italiano Benedetto Croce: "O sol esplêndido da arte não pode ser suportado pelos olhos ainda débeis da criança e do adolescente (...) De qualquer modo, se as crianças podem desfrutar de uma obra de arte pura, esta não terá sido criada para ela, mas para todo o mundo, e por isso não pertencerá à literatura 'para crianças' ".

Não há nenhuma debilidade nos olhos da criança e do adolescente, a debilidade está no olhar que os adultos deitam sobre eles. Pois se as crianças e os jovens podem olhar a natureza, com sua estarrecedora beleza, por que não suportariam a beleza da arte? Ambas, natureza e arte, nos conduzem a um diálogo interior, a um aflorar daquilo que, em nós, se volta para o divino. Como crer que as crianças, tão próximas ainda dessa essência, não podem se aproximar dela? Se por vezes lhes faltam palavras, certamente não lhes faltam sensibilidade e capacidade de apreensão. E sabemos que as palavras são apenas um artifício para nos ajudar na captação do mundo.

É verdade, porém, que as emoções provocadas pela arte são incontroláveis. E, talvez por isso, pareça mais tranqüilizador a certos adultos manter as crianças afastadas dela.

No que tange diretamente o universo literário, aceitar que uma obra de arte não possa ou não deva ser criada para crianças equivale a erradicar toda a literatura infantil do âmbito da literatura, e a relegá-la a um plano secundário, que pouca atenção merece. É isso, aliás, que vem sendo feito pela nossa cultura desde o início daquilo que, para o bem ou para o mal, chamamos literatura infantil. E é disso que se queixam todos os que nela trabalham, inclusive aqueles que puxam a corda pelo lado do didatismo.

Quando falamos de livros e identidade cultural, de que livros estamos falando? Na nossa conversa, consideraríamos a leitura de "Os meninos da rua Paulo" por uma criança brasileira deste século, como auxiliar na construção da sua identidade cultural?

Volto à minha condição de autora. No livro de contos "23 histórias de um viajante", que acabei de publicar, um jovem príncipe vive voluntariamente enclausurado em seu próprio reino. O medo da morte, gerado pelo cadáver do pai abatido em batalha, pelas feridas dos tios vitimados em duelos, cravou-se em seu coração. E ao assumir a coroa, mandou erguer altíssimas muralhas ao redor de suas terras. Diante dessas muralhas, detêm-se um viajante. Nada deseja, além de atravessar. Mas ao conceder-lhe passagem, o príncipe abre, involuntariamente, caminho para receber o mundo. Pois já na primeira noite à mesa do banquete, e nos dias seguintes durante a travessia do reino, que empreenderão juntos, o viajante contará sucessivas histórias ao jovem monarca, deitando diante dos seus olhos aquelas emoções e aquela vida da qual, até então, ele havia se recusado a participar. Ao fim da viagem, a muralha parece ter perdido sua significação, e o príncipe manda que se abram os grandes portões para que ele conheça o mundo que, agora, já o habita.

O mundo é muito grande. E na realidade, assim como no conto, o mundo nos chega através do outro.

É o outro, com sua diversidade, que nos permite estabelecer comparações e avaliar mais plenamente nossa própria identidade. Toda criança entende melhor o conceito de casa depois de ver um iglu ou uma oca (a grande casa circular que abriga os índios brasileiros). E entendendo melhor o conceito de casa, poderá compreender melhor a própria casa em que vive.

Hoje, ainda mais do que ontem, a questão da identidade cultural se articula ao redor do outro. Porque, hoje mais do que ontem, o outro está presente. E por outro lado, hoje mais do que ontem, a pressão cultural do outro se faz ameaçadora, e sentimos necessidade de reforçar nossa própria identidade.

A que livros recorrer para isso?

Do meu lado da corda, eu digo com absoluta convicção: aos livros de literatura. Se acreditamos que os poetas são a voz do seu povo, a expressão máxima da sua cultura, como não acreditar que através dessa voz o jovem leitor constrói a sustentação da sua identidade cultural?

Para os adolescentes, há fartura de material, porque um adolescente hoje é um jovem adulto, e de cada grande poeta nacional muito se pode selecionar para eles. Mas também para as crianças, quantos poemas, quantos pequenos poemas perfeitamente compreensíveis um poeta produz ao longo de sua trajetória, sem que esteja exatamente pensando no público infantil. A boa poesia é assim, sempre haverá nela muito que se pode retirar para qualquer público. E não nos deixemos enganar, aquilo que às vezes não se compreende com a razão, se intui com a emoção, e é através da emoção que a poesia melhor viaja. Mas é claro que não preciso falar disso aqui em Cuba, onde qualquer criança aprende a ser cubana através dos versos de José Marti.

E porque não olhar a prosa com os mesmos olhos com que olhamos a poesia? "Os três mosqueteiros", de Alexandre Dumas, é até hoje vendidíssimo, li recentemente que é o segundo romance mais vendido da França. Trata-se de uma leitura perfeita para jovens, com aquele jovem d'Artagnan emblemático que, como tantos jovens do mundo todo, deixa a sua cidadezinha natal e parte rumo à cidade grande para realizar seus sonhos. Aquele d'Artagnan que em Paris encontra três novos companheiros e com eles sela a aliança que irá fortalecê-los frente aos perigos que os esperam. "Um por todos, todos por um" é o lema dessa jovem turma. E o espírito não difere muito daquele que anima os meninos da rua Paulo, na defesa do terreno baldio.

Falei de clássicos porque são livros que todos conhecemos e sobre os quais fica mais fácil tecer uma conversa em comum. Mas a literatura, a literatura infantil de cada um dos nossos países tem autores bons, excelentes autores que serão os clássicos de amanhã, em cujos livros há fartura de elementos para consolidar a identidade cultural das nossas crianças.

Eu disse consolidar. Não disse construir. Tenho muito medo de livros cuja intenção é construir nas cabeças infantis, seja lá o que for.

Em junho deste ano, estive em Nova Iorque, para o lançamento de um livro meu e para participar do Simpósio de Literatura Infantil e Juvenil organizado pelo Instituto Cervantes daquela cidade. E juntamente com outras duas autoras de língua hispânica, Vivian Manzur do México e a espanhola Isabel Campoy radicada na Califórnia, fui visitar duas escolas públicas, ambas localizadas em bairros com alta concentração de emigrantes hispanos.

Nas duas escolas nos deparamos com um esforço real para a manutenção não só da identidade cultural, como da língua. Em uma delas fomos recebidas com um espetáculo de dança que havia sido organizado para uma festa anterior, por um grupo de meninos e meninas mexicanos, outro grupo da república Dominicana, e um terceiro de emigrantes vindos da Africa. Cada grupo se exibiu, com visível orgulho, em danças do seu país, com seus trajes típicos. Pessoas de suas famílias estavam presentes. Na outra escola, vimos como funciona o programa de Ensino em Dupla Linguagem, com duas salas acopladas, uma onde só se fala espanhol e onde todo o material didático ou produzido pelos alunos é em espanhol e referente a culturas latino-americanas, e a outra onde tudo é em inglês. As crianças avançam normalmente no currículo escolar, mas trocando de sala e de língua a cada dia.

E nessa estadia, vi muitos livros, de diferentes editoras, voltados para a questão da identidade cultural. Para minha grande tristeza, eram praticamente todos do agrado de quem puxa a outra ponta da corda. Continham mensagens tão evidentes que, deles, nenhum outro sentido poderia ser extraído. Nenhuma imaginação, nenhuma centelha, nenhuma surpresa os percorria. Não eram verdadeiramente livros de leitura, eram estradinhas estreitas, a serem percorridas numa única direção, sem paisagens laterais, sem interferências, sem possibilidade de escolha ou se fuga, sem escapatória para o pequeno leitor. E, para alegria de quem os havia concebido, todos conduziam ao altar do orgulho pátrio.

Ninguém é naif. Estamos todos conscientes dos fortes interesses econômicos e das razões sociais que animam a atual discussão ao redor da identidade cultural. Falamos disso no início dessa nossa conversa. Mas considero que nenhum interesse, nenhuma razão social justifica o despejo de semelhante material didático/ideológico em cima das crianças, que, sabemos bem, não têm como se defender.

Marina Colasanti é escritora, jornalista e artista plástica. ganhadora de diversos prêmios nacionais e internacionais como o Jabuti e o do Concurso Latinoamericano de Cuentos para Niños (FUNCEF/UNICEF).

Diferentes Heróis, Diferentes Caminhos

Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque

Compartilhamento de Andersen e Marina Colasanti

{O Patinho Feio e Como se fosse}

Há muito, muito tempo atrás, numa pequena cidade chamada Odense, lá pelas bandas da Dinamarca, nasceu um menino filho de um sapateiro e de uma lavadeira. Eles eram muito pobres e moravam numa casinha miserável e muito fria.

A criança era um recém-nascido como outro qualquer, talvez um pouco mais comprido e um pouco mais magro do que os outros bebês que nasciam por ali, mas seus pais não se importaram muito com isso. Logo, logo, ele ganhará peso e parecerá menos comprido – pensavam eles.

Mas, com o passar dos anos, o bebê foi se transformando num menino bem mais comprido e bem mais magro que os outros meninos que brincavam por ali.

Na verdade, sua aparência era bem estranha. Seus braços e pernas eram muito longos, seu andar era desajeitado, e isso fazia com que as outras crianças zombassem dele e lhe pusessem toda sorte de apelidos.

Sem ter ninguém com quem brincar, e sofrendo muito com aquelas zombarias, ele passava a maior parte de seu tempo com o pai ouvindo as histórias que ele lhe contava enquanto remendava sapatos. Histórias que enchiam de tal maneira seu coração de fantasia e sua cabeça de sonhos, que ele começou a escrever peças teatrais, que encenava num pequeno palco que seu pai construíra para ele.

Até que um dia, o pai do menino morreu e sua solidão aumentou ainda mais. Sem amigos, ele resolveu partir para Copenhagem para tentar ganhar a vida e ajudar a mãe. Talvez lá pudesse encontrar pessoas que o aceitassem como ele era. Talvez lá pudesse realizar seu sonho secreto; ser ator, cantor, ou bailarino.

Logo, porém, suas esperanças foram por água abaixo. Foi aceito em um coral, mas sua voz mudou e o dispensaram. Tentou entrar para o corpo de baile, mas o consideraram alto demais para dançar. Tentou ser ator de teatro mas não teve melhor sorte; foi rejeitado por sua aparência estranha e seus modos desajeitados.

Mas o menino, que a essa altura já havia se transformado num rapaz bem mais magro, e bem mais alto do que os rapazes que moravam por ali, não desanimou e continuou a procurar. Não desistiria assim tão fácil de encontrar sua turma.

Armado de pena e tinta começou, então, a escrever. Colocou no papel suas experiências, sua infância tão pobre e sofrida, seus desejos, seus sonhos, e aos

poucos foram aparecendo os mais diferentes personagens: um soldadinho de chumbo valente e perneta desprezado por seu dono, uma sereiazinha que desejava ter pernas, uma menina que vendia fósforos tremendo de frio, um rei vaidoso que desfilou nu diante dos olhos atônitos de seus súditos, ludibriado por alfaiates espertalhões, e muitos outros contos.

Suas histórias ganharam fama e ele foi, finalmente, aceito pela fechada elite dinamarquesa, passando a freqüentar castelos tão belos e luxuosos quanto os que apareciam em seus contos.

Foi assim, mais parecendo uma história tirada de um de seus livros, a vida de Hans Christian Andersen que, após enfrentar uma vida de miséria e rejeição, transformou-se no maior e mais admirado autor de contos infantis da literatura mundial

Em seus contos podemos reconhecer um pouquinho de suas experiências: a infância pobre, o desejo de ter uma aparência diferente, a procura pelo próprio grupo, o ressentimento por não ser aceito. No entanto, nenhum conto se parece tanto com sua vida, como "O Patinho Feio".

Alvo de todo tipo de zombarias, escorraçado até mesmo pela mãe, o pequeno patinho sai assustado pelo mundo se deixando levar pelo destino, sempre à procura de sua turma, sem perceber as pequenas mudanças pelas quais vai passando até transformar-se no cisne "mais bonito de todos".

A trajetória desse pequeno herói, que sai do galinheiro para enfrentar toda sorte de dificuldades até encontrar sua verdadeira família, em muito nos lembra a saída de Andersen de sua cidade natal até encontrar seu lugar na elite dinamarquesa.

Talvez por falar de um sentimento assim tão humano – a busca pela aceitação –, essa história vem sendo contada, recontada, adaptada e traduzida através dos séculos por esse mundo afora, sempre levando aos corações aflitos a esperança de que são as qualidades intrínsecas do indivíduo que o ajudarão a superar seus problemas mesmo que, para isso, seja necessário muito sofrimento.

Muitos contos da literatura infantil falam de solidão e de esforços de heróis para "encontrarem suas turmas". "Dumbo", tropeçando em suas orelhas enormes em busca do sucesso; "Pinóquio", pedindo à fada azul para transformá-lo num menino "de verdade"; "Cinderela", cansada de tanta solidão e sofrimento, desobedecendo às ordens da madrasta e pedindo ajuda à fada madrinha para ir ao baile proibido, e muitos outros

Difícil não nos identificarmos com esses heróis, pois, quem nunca sentiu medo de ficar sozinho, de não ser aceito pelos amigos, pelos desconhecidos ou mesmo pela própria família? De entrar numa escola nova e não ser aceito pelos colegas? De não corresponder às expectativas dos pais e ser rejeitado por eles? De mudar-se de casa e ter que se enturmar na nova vizinhança?

Todos nós queremos encontrar pessoas com as quais nos sentimos bem, todos nós queremos descobrir nosso próprio grupo.

Bem mais triste é a sina do nosso pequeno príncipe feito rei, fadado a carregar pela vida, bem presa por tiras de couro, a máscara com a efígie de seu pai!

Roubam-lhe a infância, a identidade e, principalmente, o tempo. O tempo que moldaria seu corpo e seu rosto ainda imberbe, que o levaria a desenvolver suas próprias habilidades e a se descobrir como Rei de fato, não somente de direito.

Sem forças para recusar o título imposto, nosso pequeno rei segue em frente, olhando o mundo através do rosto paterno que o povo tanto ama e os inimigos tanto temem. E assim vai, aos poucos, se tornando homem, seus cabelos se embranquecem, seu corpo de modifica, só atrás da máscara cingida, o tempo não alcança, só ali ele se conserva menino.

Os dois contos falam de crescimento e das transformações pelas quais passamos ao longo da vida, mas os caminhos percorridos pelos nossos heróis são bem diferentes.

Enquanto nosso pequeno pato corre atrás de companhia, de pessoas que o entendam e o aceitem, nosso pequeno infante feito rei, segue vivendo a vida de outra pessoa. Não lhe é permitido buscar a realização de seus desejos - na verdade ele nem ao menos deseja –, somente vai seguindo em frente representando um papel que não é seu.

Enquanto que a história do "Patinho Feio", de Andersen, fala do medo da solidão e de "ser diferente", o conto de Marina Colasanti, "Como se fosse", fala da importância de se desenvolver uma identidade própria através da qual possamos ser reconhecidos.

Ambos falam, numa linguagem mágica e subjetiva, de destino, caminhos e atitudes que podemos tomar diante da vida. Ambos me lembram o antigo dito romano que diz: "Os fados guiam àquele que assim o deseje; aquele que não o deseja, ele arrasta."

Que rei é este?

Eliane Yunes

Compartilhamento de Andersen e Bartolomeu Campos de Queirós

{A roupa nova do rei e A fantasia nova do rei}

No tempo em que Andersen escrevia, na sua terra e por onde ele andou convidado, havia muitos reis e rainhas de carne e osso. Curiosamente, embora devesse sua sobrevivência dos primeiros anos em Copenhagen à aristocracia que abriu suas portas àquela personagem que era ele mesmo, alta, magra, feia, vestido com apuro ordenado de notável pobreza, a imagem que tinha da nobreza não era idealizada o tempo todo. Como um curioso contador de histórias que lhes entretinha depois dos jantares, com um imaginário maravilhoso, Andersen reconhecia doces princesas e reis vaidosos, egoístas, impiedosamente, com um humor que sabia fazer rir – e por que não, pensar? – as vítimas de seu hábil discurso.

Sua obra mostra uma ambigüidade afetiva em relação às cabeças coroadas, afáveis com ele, que viera da miséria mais absoluta, órfão, carente da piedade alheia, mas educado à luz das narrativas bíblicas que sua mãe lavadeira lhe contava para distrair. Esta matriz por excelência das grandes narrativas de paixões humanas, nas quais o perdão, a misericórdia e a comiseração se defrontam com o puro ódio, inveja e ingratidão, impregnou-lhe a alma sensível que sonhava com o palco e a literatura. A Europa napoleônica do início do século XIX foi muito adversa, especialmente com os dinamarqueses bombardeados pela frota britânica, enquanto seus reis tentavam evitar a invasão francesa. O momento aproximou o povo da corte encurralada. Andersen captou as ambigüidades da condição humana e as registrou magnificamente no abandono da sereiazinha e da menina dos fósforos tanto quanto nos cisnes selvagens e na roupa nova do imperador.

A estratégia do "há muitos e muitos anos, numa terra muito distante daqui" é um álibi perfeito para os narradores de contos que simulam nas personagens o caráter de figuras vivas e poderosas – pensemos em "Pele de Asno", de Perrault em meio aos Luíses de França – mas evidentemente seu uso estava atrelado como uma fórmula ao gênero mágico em que tempo e espaço para coisas maravilhosas já haviam se perdido. Contudo, Andersen poderia ter dispensado o recurso, já que a maioria de seus contos é original e não recontos da tradição oral. O fato de ilustrarem situações sociais que envolvem a realeza, dirigindo-se diretamente a ela enquanto ouvinte, e não aos camponeses e artesãos dos irmãos Grimm, põe em evidência o seu lado crítico, a fina ironia e uma certa melancolia

romântica. Andersen anseia o bem e a nobreza que a elite deveria inspirar. Convivendo com ela, consagrado nacionalmente, não abre mão dos valores que lhe servem de esteio para as histórias que inventa, num mundo cada vez mais injusto.

Bartolomeu Campos de Queirós é autor de poucos livros, um por ano desde o primeiro e nunca tirou os olhos da condição humana, mesmo escrevendo que na vida "onde tem fada, tem bruxa". As grandes dores, as pequenas alegrias, tudo vai sendo poetizado pelo autor mineiro que transporta à dimensão inventiva da infância a leitura do mundo dos grandes, para surpreender com uma fresta aberta na realidade endurecida dos negócios. Entre suas obras, pássaros e peixes sonham o encontro entre paralelismos – impossível? – e a lua é servida como queijo na bacia da fome, sem que nenhum leitor ouse pensar que ele escamoteia a tragédia ou usa uma imagem batida.

Ambos os autores, sutil e poeticamente, clamam e denunciam.

Pois bem . "A Fantasia Nova do Rei" é inegavelmente uma paráfrase de "A Roupa Nova do Imperador" – a princípio. Temos o mesmo mote de distanciamento da ação, o rei vaidoso, cercado de aduladores,que procuram "levar vantagem em tudo", lá o rei que pretende ver o que não há, aqui o rei que não vê o que há, ali o cortejo do rei nu que o olhar inocente desvela, acá a comitiva real travestida de figurante de carnaval que outra criança identifica. O ridículo, a hipocrisia ilusória, o vexame num e noutro estão presentes. A paráfrase seria talvez ociosa por conta da força alegórica do conto "de fadas". No entanto, a reescrita da narrativa clássica, desloca a questão fingida do tempo e terra distantes, pelo recurso, já na abertura, da afirmação de que "existem realidades tão fantásticas que todos duvidam." O primeiro parágrafo já propõe a realidade sob juras. O tempo e o espaço longínquos cedem em duas linhas a vez para uma descrição longa de uma terra sem males, de beleza e perfeição em que certamente, "em se plantando, tudo dá" se assim fosse preciso, porém ali já estão todas as primícias.

A tristeza, contudo, está presente e não decorre da observação alheia de que sua língua não dispõe de Ls, Fs e Rs, mas de que os habitantes querem ser súditos e anseiam pela chegada de um rei, como outrora imploraram os judeus ao Senhor dos Exércitos que

lhes desse um Rei ao invés de juízes. Um acordo com os astros lhes dará este soberano... justo, estando todos cansados dos oportunistas e exploradores da boa índole do povo, dependente de julgamentos nem sempre sábios. Queriam "um salvador" que fizesse do lugar "um exemplo de ordem e progresso".

O que se segue é a mesma romaria das aparências, em que os caprichos primários do menino são convertidos em vontade real pelos manipuladores, com ênfase na ostentação das roupas luxuosas diante da miséria da plebe. Abre-se nova diferença semântica com a chamada nominal dos nobres conselheiros: senadores, deputados, que proclamam os sonhos que o proletariado só nomeou depois de duas revoluções históricas e constituições de fachada: "educação, saúde, moradia, emprego, segurança". A pretexto de uma interlocução com Andersen, Bartolomeu se esforça por fazer da história mais do que uma alegoria da vaidade de indivíduos, uma fabulação contemporânea sobre o contexto dos tempos e lugares presentes, em que a carruagem aberta se transforma no carro alegórico e a fantasia imaginária do rei é substituída pela fantasia real dos exploradores do povo.

Aquele menino anônimo, que "nasceu do lado esquerdo da rua direita", exibe sua roupa nova em muitas viagens pelo mundo; e como não estamos mais na idade média que deu força ao maravilhoso destes contos fantásticos em que o sapo vira príncipe, o povo vê "o séqüito com a riqueza de seu trabalho, com a força de sua economia, com a ilusão de suas esperanças". Para meu gosto de leitora, bastava que o menino tivesse gritado uma única vez: "É carnaval"!

Os que choram e os que aproveitam o féretro das esperanças sabem que a terra é bem próxima e tem nome, e o tempo é o agora. A paráfrase tem um quê de ironia amarga pelo desfecho que lá permanece hilário e aqui desliza para a desilusão: de que reizinho estamos falando nesta terra brasílica nos dias de 2007?

Eliana Yunes é Doutora em Letras pela Puc-Rio, com Pós-Doutorado pela Universidade de Colônia. É professora do Departamento de Letras da PUC-Rio, Vice-Decana do CTCH e Co-coordenadora da Cátreda Unesco de leitura. Ensaísta, crítica, especialista na área de Leitura e Literatura Infantil, foi a criadora do PROLER.

Abrindo a Caixa de Papelão

Maria Aparecida da Silva Ribeiro

Compartilhamento de Andersen e Celso Sisto

{O Soldadinho de Chumbo e Tudo outra vez}

A criança do século XXI que lê este clássico da literatura infantil provavelmente encontrará uma série de correspondências com objetos da cultura com os quais tem convivido. Não vai estranhar, logo de início, a superposição de realidades entre o mundo do soldadinho de brinquedo e o mundo do menino que ganha o brinquedo: "Toy Story"(Walt Disney e Pixar Animation, EUA, 1995) é, para eles, uma referência já desde os anos noventa.

Já o padrão romanesco do herói que, humilhado, degradado por circunstâncias adversas, supera os próprios limites e vence o mais terríveis dos vilões, também é um velho conhecido dos leitores da narrativa clássica ou mesmo dos espectadores das telenovelas brasileiras.

Precisamente onde, então, situar o encanto que histórias como esta ainda exercem sobre seus pequenos leitores? No par perfeito, em sua aparente imperfeição, do soldadinho de uma perna só e a bailarina que parecia também ter apenas uma? Seria aí, nesse improvável romance, que a criança descobriria que todos temos, em algum lugar, uma alma gêmea, um par ideal esperando por nós?

Ou seria na hora mágica da calada da noite, quando os brinquedos, eles também, começam a brincar e, desse modo, emprestam a vida das crianças que, naquele momento, dormem? Numa confirmação da hipótese meio sinistra de muitas crianças de que, na escuridão, os seres inanimados ganham vida – o que, ao mesmo tempo, justificaria o medo de dormirem sozinhas e as fantasias de amigos imaginários, de ursinhos de pelúcia telepáticos e dos travesseiros, já bem gastos pelo uso, elevados à categoria de "melhor amigo".

Ou seriam ainda os vilões estranhos, mágicos como o duende mau, agigantados como o rato de esgoto em comparação com o mundo diminuto do soldadinho, o que exerce um fascínio nessa história tão cheia de reviravoltas e circunstâncias inesperadas?

Ou ainda a figura ambígua do enorme peixe que, de vilão vira aliado, e, assim como apavora nosso herói com a escuridão de seu ventre, também o leva de volta para casa. E aqui se lê, nas entrelinhas, um pouco do relato bíblico do personagem Jonas, sozinho, amedrontado, na barriga da baleia, relato que parece a nosso espectador de animação um tanto embaralhado com as peripécias do peixinho Nemo ("Finding Nemo", Walt Disney e Pixar Animation, EUA, 2003), herói do desenho animado que também se perde numa enxurrada de aventuras e desventuras entre esgoto, rio, mar, cidade e gente. Aqui, como em Nemo, a criança também vira vilã e vilã sem o menor motivo, talvez por artes do duende mau, talvez por traquinagens de crianças que, afinal de contas, são assim mesmo.

O encanto de contos como este, talvez, venha do fato de surpreender seus leitores. Causar o que o teórico Roland Barthes chamou de desconforto da "fruição", de um tipo de leitura que não nos consola mas que, antes, nos põe "em estado de perda". É como nos sentimos ao final de "Romeu e Julieta", de "Love Story", do "Casamento de Dona Baratinha", de "Coração Valente", d'"O Gladiador" e de tantas outras histórias nas quais o herói sofre um bocado, demonstra altivez, nobreza de sentimentos, peleja bravamente, mas, no final, não vence, pelo menos, não com o tipo de vitória que nos acostumamos a

classificar como happy end, talvez com uma outra, mais elevada, mais perene, na qual o que fica são os valores, a coragem de lutar, o exemplo a ser seguido.

A releitura do "Soldadinho de Chumbo", de Celso Sisto, traz a história para a atualidade. E fala do menino que, fascinado pelos seus soldadinhos, é conhecedor do conto de Andersen e se encanta com o relato rimado do pai de seu amigo. Já adolescente, relaciona-se com seus bonecos com afeição de colecionador, mas sem perder o gosto pela fantasia, pela invenção de se imaginar comandante de tropas. E tampouco perde o gosto pela história bem contada. É leitor em várias instâncias de leitura. É curioso, criativo, permeável pelas histórias que ouve e lê.

Assim como Lucas, de 8 anos que, convidado a opinar sobre este clássico de Andersen, diz que gostou da história porque o soldadinho, "mesmo derretendo, não perdeu a coragem". Que, se pudesse alterar o final, devolveria o soldado à "caixa onde estavam seus amigos" e "a bailarina a seu castelo de papelão" demonstrando com isso, talvez, o mesmo zelo de colecionador de Marcus, personagem de Sisto, além de uma maturidade inesperada para sua idade, ao reconhecer amores que são, simplesmente, impossíveis.

Lucas, assim como Marcus, não parece ter "espírito bélico". Não acha a vida dos soldados bonita porque, segundo ele, "eles têm armas e podem ferir inocentes". Na verdade, a considera uma vida "perigosa", "difícil" e não gostaria de tornar-se um, quando adulto, principalmente, porque "nas guerras, sempre morrem muitos soldados". Matar ou morrer, portanto, não parece ter nenhum glamour para nosso pequeno leitor.

Contudo, os brinquedos preferidos desse novo apreciador de Andersen são bonecos que representam homens de semblante muito sério e musculatura definida, com indefectíveis nomes em inglês. Super-heróis em plástico duro, colorido, resistente à água e aos choques das brincadeiras diárias. Ou, ainda, robôs japoneses, versáteis, desmontáveis e remontáveis, do tipo transformers, bem diferentes dos rígidos soldados de chumbo. Aliás, Lucas jamais usou colheres de chumbo em nenhuma de suas refeições ao longo desses oito anos.

E não é uma exceção.

A vida militar que não atrai meninos como Lucas, morador da zona oeste do Rio de Janeiro, tampouco tem atraído jovens em idade de escolher uma possível carreira de soldado. O site Diário de um Policial Militar (www.diariodeumpm.net) nos informa do decréscimo que tem sofrido a opção pela carreira militar, nos últimos concursos para a Academia de Polícia D João VI, do Estado do Rio de Janeiro. Incentiva os novos candidatos a tentarem outra e outra vez, caso não sejam aprovados de primeira, porque com a relação candidato-vaga caindo de ano para ano, a tendência é de que as chances de entrar aumentem. Seria mesmo esse o maior incentivo?

Não no caso de um jovem de 23 anos chamado Leonardo Cruz. Seu sonho de criança sempre foi o de ser policial. Vibrava com os filmes da tevê, em geral norte-americanos, em que aparecia aquele grupo de homens fortes, de semblante sempre concentrado. Portavam enormes armas que o menino de dez anos já conhecia por nome: fuzis, calibre doze, pistolas. Até que um dia, uma viatura cheinha deles parou bem em frente à oficina em que trabalhava como

ajudante. Segundo lembra, aqueles caras de colete preto, que nunca havia visto tão de perto, saíram do carro e perguntaram ao dono da oficina se conhecia um tal Almir que morava por aquelas redondezas... Leonardo, ainda fascinado pelos fuzis que apoiavam nos ombros, acordou de seu sonho e se deu conta, meio confuso, de que o Almir pelo qual procuravam era seu pai, (e por que será que aqueles homens perguntavam por ele com um aspecto tão ameaçador?) Naquela mesma época, ele descobriria que seu pai era procurado pela polícia de dois estados, o que havia resultado em sucessivas mudanças - na verdade, fugas - da família, durante toda a sua curta vida. Isso mudou bastante sua relação com essa entidade. Medo e admiração fundiram-se e seus planos de ser policial foram adiados por um tempo. Leonardo nos informa que só depois de provada a inocência de seu pai, pela captura dos verdadeiros culpados do delito, a reconciliação com a polícia pôde acontecer. E veio sob a forma de cursos preparatórios para a entrada na academia, concursos e mais concursos. Em mais de um estado.

O coronel Cícero, já com mais de 25 anos na Polícia Militar, aposta num trabalho de interação do policial com a comunidade, desde seu período de formação, numa tentativa de melhorar o relacionamento da polícia com população e vice-versa. A idéia é a de que o policial, ainda na academia, freqüentasse sistematicamente uma comunidade, numa espécie de estágio, interagindo, prestando serviços diversos, estudando e pesquisando a vida dos moradores. Em seguida, já formado, iria atuar justamente ali. Não seria simplesmente lotado num batalhão, entrando nas comunidades com o único intuito de reprimir o crime. Sua proposta é, pois, a do policial comunitário. O coronel lembra, ainda, que muitos jovens investem meses e até anos de suas vidas preparando-se para prestarem concursos. A fim de ingressarem em academias militares, trocam o "lazer" de suas horas pela oportunidade de "zelar" pela vida de outros cidadãos (conforme texto publicado em boletim da Corporação e citado pelo coronel). Comenta ainda que, apesar da imensa pressão sofrida, a maioria dos soldados recém-formados chega aos quartéis com muitos sonhos e ideais de servir e proteger. Os desvios se dão pelo meio do caminho, no contato com a realidade adversa em vários sentidos.

A leitura do "Soldadinho de Chumbo" é, portanto, ainda edificante para a criança do século XXI. Faz sentido para o Marcus, para o Celso, para o Lucas, para o Leonardo, para o Cícero que, como todo ser humano, guardam em si tanto os mais elevados ideais quanto os medos mais inconfessáveis, passando pelos amores impossíveis e por amigos imaginários.

Maria Aparecida Silva Ribeiro é Doutora em Letras pela Puc-Rio, professora de Literatura Brasileira e formadora do Programa Nacional de Inclusão de Jovens, ProJovem, pela Fundação Darcy Ribeiro.

Entrevistas com:
1. Lucas Aristides Campos Macico.Aluno do 3º ano do Ensino Fundamental, da rede particular de ensino;
2. Leonardo Cruz, professor de Artes Marciais.
3. Cícero Plácido de Lima, coronel da Polícia Militar .

Bibliografia: BARTHES, Roland. O prazer do texto. São Paulo: Ed.Perspectiva, 2002.

Um Convite à Liberdade

Elaine Cristina R. Gomes Vidal e
Sueli de Oliveira Rocha

Compartilhamento de Andersen e Graziela Bozano Hetzel

{O rouxinol e o imperador e Luiza}

Contam que um célebre sueco, muito doente, como último desejo, pediu à famosa cantora Jenny Lind que cantasse para ele. Ela atendeu o pedido. E seu canto foi tão belo que afastou os males do doente.

Contam ainda que Hans Christian Andersen se inspirou nessa história – oriunda de uma fonte próxima a ele já que conhecia Jenny e era dela um grande admirador – e a transformou na graciosa fábula "O rouxinol e o imperador".

Já Graziela Bozano Hetzel, para escrever "Luiza", provavelmente se inspirou nas anônimas histórias cotidianas em que a luta pela sobrevivência separa pais e filhos. Apesar das variações de tempo e espaço, os contos de Graziela Hetzel e Andersen mantêm entre si interessante diálogo, reforçado no tema comum aos dois: a idéia de que mais vale a pobreza com liberdade e amor do que a riqueza com prisão e adulação artificial.

Nas duas histórias, o leitor é introduzido no ambiente, como se portasse uma câmera: os textos são muito visuais, quase roteiros que levam o leitor a conhecer os espaços onde ele se depara – como que de surpresa – com as personagens principais: o rouxinol e a menina Luiza.

Andersen o fisga de pronto, ó leitor desavisado, usando de estratégias persuasivas para envolvê-lo. Ele o transforma numa fonte qualificada, testemunha pronta a corroborar as palavras do narrador. Dessa forma, ele o enreda e o coloca no espaço da história, conferindo-lhe a autoridade do conhecimento: "Na China, você sabe, o imperador é chinês...".

Espie, pois, antes de tudo, os espaços onde as duas histórias acontecem. No texto de Andersen, o primeiro espaço descrito é o do luxo: o palácio do imperador! Mas Andersen o convida a sair do palácio e passear pelos jardins, até chegar ao ambiente de liberdade e pobreza onde se encontra o rouxinol. Depois disso, Andersen o traz de volta ao palácio onde você, rico leitor, acompanha a história sob a ótica do luxo imperial. Já Graziela Hetzel o faz conhecer o outro extremo: o primeiro ambiente explorado em sua história é o casebre pobre de Luiza; e mesmo quando os espaços de luxo são retratados, o que prevalece é a ótica da pobreza, personificada na menina ou na babá.

Agora, inquieto leitor, desvie sua câmera para outro lugar. Ouvidos atentos, ouça o barulho das águas que beijam a praia e logo se vão, em busca de histórias que contam os mistérios do mundo. Olhar arguto, observe outro elemento de composição do espaço nos dois textos: o mar. Enquanto Andersen usa o "mar" como cenário de liberdade e pobreza (o rouxinol era livre e morava nos arvoredos à beira-mar, de onde era ouvido pelos humildes pescadores), Graziela oferece à

sua personagem Luiza o mar como artigo de luxo, embutido no pacote de riqueza com prisão. Logo no início do texto, a autora conta do "mar que mora em seus [de Luiza] sonhos". Ao ser levada para a casa da moça rica, a primeira sensação boa que Luiza tem é da "enorme mancha azul que se derrama em espuma branca e vem lamber seus pés". Você sabe que a imensidão do mar, erudito leitor, é uma figura com forte tradição literária. Pois em contraponto à amplidão do mar, Andersen coloca o rouxinol no espaço fechado das belas porcelanas do palácio imperial. Com um lugar assim tão rico, Luiza nem sequer chega a sonhar. Mas, quando a intenção é convencê-la dos esplendores da riqueza, a menina é levada a conhecer o mar. Depois de inseridos no contexto da riqueza (num caso, o palácio imperial; e noutro, o mar), o rouxinol e Luiza são constantemente monitorados: ele, por doze criados; e ela, pela babá.

Bem devagar, cauteloso leitor, volte as lentes de sua câmera para as personagens das duas narrativas e procure estabelecer as correspondências entre elas. A primeira, óbvia, é a correspondência entre o rouxinol e Luiza. Ambos são "portadores do amor", num ambiente estéril. Por sua própria existência, os dois conseguem tocar o coração de alguém. Observe, entretanto, a diferença entre ambos: o rouxinol é autônomo; ele recebe o convite para cantar para o imperador e resolve, por vontade própria, aceitá-lo. Já Luiza não decide por ela: é levada da casa dos pais na calada da noite, enquanto dorme; os pais decidem por ela. Essa oposição entre autonomia e dependência, simbolizada nesses dois protagonistas, se mantém quando ambos se vêem fora de seu ambiente natural, onde apresentam reações opostas: o rouxinol foge; Luiza sofre, chora, definha. Apesar disso, os dois interferem na vida de personagens que, mesmo vivendo num ambiente de futilidades, têm o coração tocado por sentimentos de amor e bondade: o imperador e o pai adotivo de Luiza que, nesse aspecto, se equivalem.

Você reparou, sagaz leitor, como a moça rica, candidata a mãe adotiva de Luiza, encontra seu par no cavaleiro que acompanha o imperador? Ambos são seduzidos pelo ambiente artificial em que vivem e pensam poder comprar o amor das personagens principais (Luiza e o rouxinol, respectivamente) para agradar a outrem. Percebeu também como a babá de Luiza e a cozinheira imperial possuem pontos em comum? Ambas são sensíveis, oriundas da pobreza e constituem o elo entre os ambientes das duas histórias, o rico e o pobre.

Certamente você também notou outras semelhanças entre as personagens dos dois contos: por exemplo, os pescadores amam o rouxinol como os pais biológicos de Luiza a amam, na simplicidade e na pobreza; o pediatra que atende a menina possui tanto conhecimento técnico quanto o relojoeiro que tenta

consertar o rouxinol artificial; o falso pássaro, por sua vez, cravejado de diamantes mas estéril e sem vida, encontra paralelo no cachorro-robô que Luiza ganha: o rouxinol artificial e o cachorro-robô conseguem imitar, mas não são, nem de longe, o rouxinol verdadeiro e o cachorro de Luiza.

Agora, vá com muito cuidado, sensível leitor! Chegue mais perto e direcione suas lentes para o coração das personagens. Mire e veja a dificuldade sensorial das que vivem nos ambientes de luxo: os nobres são indiferentes à beleza das flores dos jardins imperiais (uma sineta de prata precisa tocar para atrair a atenção dos que passam por elas), não percebem a diferença entre a vida e a artificialidade e confundem o canto de um rouxinol com o coaxar de rãs e o mugido de vacas. Em contrapartida, experiente leitor, repare como as personagens do núcleo pobre (pescadores e cozinheira), mesmo repletas de afazeres, conseguem ouvir o rouxinol e sentir uma admiração verdadeira pela beleza do seu canto. Os pobres e humildes são os únicos a notar a diferença entre o pássaro real e o artificial. Observe que essa mesma dicotomia sensorial se estabelece em "Luiza": a mãe da menina sofre; e os vizinhos, tão pobres quanto ela, enxergam claramente sua dor. Luiza sofre e chora na casa da moça rica; mas ninguém, além da babá – personagem do núcleo pobre –, é capaz de perceber seu sofrimento. É como se a riqueza fosse armadura contra sentimentos.

Dizem que os olhos são "janelas da alma". Então, perspicaz leitor, penetre fundo nos olhos das personagens. Observe que a mãe biológica de Luiza tem lágrimas nos olhos durante praticamente todo o conto; e é a visão dos "olhos transbordantes de amor" da menina pela mãe que leva o pai adotivo de Luiza. a tomar a sua decisão final. Já as lágrimas que o imperador derrama ao ouvir o canto do rouxinol pela primeira vez constituem, para o pássaro, recompensa maior que o resgate do soberano à vida, no final da história. Assim, nos dois contos, a emoção transborda das "janelas da alma" e se converte em lágrimas de amor. E o rouxinol e Luiza, que viveram em dourada prisão quando conheceram a riqueza, podem, enfim, voltar à situação inicial de seus respectivos contos: pobres mas livres.

É hora de voltar, paciente leitor! Antes, um lembrete: você sabe que a história do rouxinol e do imperador aconteceu na China há muitos e muitos anos "e é exatamente por causa disso que ela deve ser contada, para que não se perca a lição". Principalmente porque a história de Luiza pode estar acontecendo aqui no Brasil, agorinha, nesse mesmo instante. Por isso, descanse a câmera com que você perscrutou a vida das personagens. Olhe à sua volta, pense bem e responda: a pobreza com liberdade e amor vale mais

do que a riqueza com prisão e adulação artificial? Se, apesar da pobreza, você preferir o amor verdadeiro ao luxo, "para que não se perca a lição" conte/leia as duas histórias para outros leitores/ouvintes. As tantas luízas que habitam esse imenso Brasil de tão desigual distribuição de renda agradecem.

Entrelaçando histórias

Andersen e Graziela: dois autores, duas histórias, duas vidas tão díspares e tão similares... Ele, filho da neblina e das geleiras dinamarquesas; ela, uma brasileira familiarizada com o céu azul, sol e mar! Entre o universo literário dos dois autores, há claros pontos de contato, como a produção de textos de excelente qualidade, dirigidos a crianças e adultos, abordando temas tão graves quanto atuais, como a inversão de valores e a infância desprotegida..

"O rouxinol e o imperador" e "Luiza", além de conversarem entre si, aproximam-se de outros textos e contextos que, compartilhados, contribuem para a ampliação dos horizontes do leitor.

As aves que aqui gorjeiam...

Andersen faz uma interessante oposição entre o rouxinol verdadeiro, que "cantava à sua maneira", dono de repertório rico e variado, e o pássaro artificial, que cantava sempre a mesma canção, sem variações.

Dizem que, com a fábula contada em "O rouxinol e o imperador", Andersen pretendeu mostrar a oposição entre o verdadeiro artista, que é capaz de criar sem se repetir, e aquele que detém o conhecimento técnico, mas não vai além da imitação. Num trecho da história, fica-se sabendo que o pássaro artificial "teve de cantar de novo, e ouviram, pela trigésima quarta vez, a mesma canção". Os mestres e nobres o preferem, alegando que "no rouxinol verdadeiro nunca se pode saber o que está para se ouvir, mas no pássaro artificial, tudo está definido. É aquilo mesmo, e não outra coisa. Pode-se explicá-lo, pode-se abri-lo e mostrar o pensamento humano, onde estão as valsas, onde são tocadas, e como uma segue a outra".

Numa triste correspondência entre arte e educação, percebe-se que essa visão equivocada da arte também está presente na área educacional. Aulas que se reproduzem mecanicamente, sem espaço para o novo produzem alunos que não vão além do desenho da rosa vermelha com folha verde, alunos que, incapazes de pensar e agir por conta própria, "enformam-se", devolvendo ao professor o vazio da resposta pronta e sempre igual. Um cotidiano que esmaga na mesmice a livre expressão, o diferente e a autonomia: um convite à evasão ou a uma permanência escolar inócua, que leva à repetência.

Na história de Andersen, tolhido em seus movimentos e na sua criação, o rouxinol verdadeiro foge. Na história da educação brasileira, a situação não é diferente. Por exemplo, o Censo Escolar 2006 (www.inep.gov.br) mostra que, em 2005 no Ensino Fundamental, as taxas de evasão escolar e repetência somaram 19,5%, o que corresponde a 6.635.552 alunos. Além do custo econômico – anualmente cerca de R$ 8 bilhões são gastos com a reprovação e o abandono escolar no país –, a repetência e a evasão têm um custo social difícil de ser contabilizado apesar de suas graves conseqüências, como o comprometimento da auto-estima do aluno e o despreparo para o mercado de trabalho, porta de entrada para o desemprego, o tráfico e a prostituição.

Em "O rouxinol e o imperador", Andersen dá um final feliz à sua história, pois o valor do rouxinol-arte é reconhecido e ele é restituído ao seu verdadeiro lugar, livre para expressar-se onde e quando quiser. "Para que não se perca a lição" e se tenha também na educação brasileira um final feliz, deve-se ir além das providências ex machina para zerar as taxas de evasão e repetência, procurando-se manter os alunos na escola e na série equivalente à idade em que se encontram. Para isso, faz-se urgente a aplicação de estratégias que contribuam para a queda dessas taxas de evasão e repetência sem que venha acompanhada da elevação da porcentagem de analfabetos funcionais1. Faz-se necessário investir num conceito de alfabetização que inclua o letramento, pois segundo recente pesquisa do projeto Geração Escolar (Geres)2, os alunos aprendem a ler e a escrever palavras, mas não sabem interpretar um texto e articular as idéias em uma redação. Em suma, será necessário garantir a oferta de um ensino de qualidade, que incentive a livre expressão e a formação de alunos que tenham autonomia de pensamento e saibam agir com independência em situações amplas e diversificadas. Esses alunos, com uma permanência profícua na escola, podem ser os artífices de uma nova sociedade, mais justa, mais humana e não excludente.

Um canto para Luiza

Luiza inspira cuidados de filigranas e ternura de mãe embalando filho. Se a infância é alegria, felicidade, promessa e esperança, criança não deveria sofrer. O contato com a dor poderia chegar-lhe aos poucos e mais tarde, quando já vestida com a armadura do adulto.

O tema da criança afastada dos pais que não conseguem sustentá-la vem da tradição oral européia. A experiência vivida por Luiza, afastada dos pais que a dão para ser criada por uma moça rica, aproxima-se da história de João e Maria, as duas crianças abandonadas na floresta pelo pai e pela mãe (nas versões mais atuais, a figura da mãe foi substituída pela da

madrasta). O motivo do abandono é o mesmo que em "Luiza": a fome, freqüente nas narrativas tradicionais, encontra paralelo na luta pela sobrevivência e na vontade de dar à família melhores condições de vida, como acontece em "Luiza".

Ao abordar o tema, Graziela Bozano Hetzel assume o ponto de vista da protagonista e envereda pelos caminhos do medo e da insegurança da criança diante de situações que não compreende. Mas se as duas histórias –"João e Maria" e "Luiza" – têm a base comum do afastamento de pais e filhos, o perfil dos protagonistas as distancia. João e Maria têm um ao outro, trocam idéias, se apóiam mutuamente. São corajosos, fortalecidos no companheirismo. Não esperam ajuda, eles mesmos enfrentam e resolvem problemas. A coragem e a esperteza dos dois irmãos são premiadas no final em que, com a morte da bruxa que os aprisionara, salvam-se e voltam para casa trazendo os tesouros que darão sustento à família, agora diminuída, com a morte da madrasta.

Se a história dos dois irmãos se assemelha a uma aventura, a de Luiza é um drama. Luiza é sozinha com sua dor funda e calada, o coração varado pelo sentimento de abandono. Por isso a tristeza nos olhos, o choro contido, o mudo apelo ao adulto distante que não a socorre. A dor que não se externa em palavras nem por isso é menos profunda. A menina arde em febre e definha a olhos vistos, comovendo o coração do pai adotivo, que a leva de volta aos pais verdadeiros, carregada de presentes. Nesse ponto, "Luiza" e "João e Maria" se aproximam novamente: fortalecidos no sofrimento, João, Maria e Luiza regressam da experiência dolorida mas transformadora trazendo os bens conquistados durante a jornada, como um prêmio que carregam de um estágio para outro num rito de passagem, marcando o início de uma nova vida, com uma nova e mais clara visão de mundo.

O tema do sofrimento infantil diante de situações que a criança não entende nem consegue resolver encontra eco em outro livro de Graziela Bozano Hetzel, "A cristaleira", no qual a autora retrata a insegurança e o medo da menina Marina diante da iminente separação dos pais. O pedido de socorro, que Luiza manifesta apenas em pensamento, quando questiona a ausência materna ("Cansou daquele jogo, quer voltar para casa, cadê a mãe que não vem?"), é o mesmo da protagonista de "A cristaleira", Marina, que expressa silenciosamente a sua raiva pela avó que não a resguardara da dor ("Onde estava a avó, na hora em que eles chegaram? Por que não tinha feito nada para detê-los, por que não tinha protegido Martina, fugido com ela?)". Pedidos de socorro que se repetem diariamente em histórias reais de crianças abandonadas nas ruas, sujeitas à fome, ao frio, às doenças e aos males da sociedade atual.

Duas histórias – "O rouxinol e o imperador" e "Luiza". As inúmeras possibilidades de conversa entre esses dois contos descortinam desdobramentos e aproximações com outros textos literários e contextos sociais. O leitor, agente de transformação, dotado de espírito crítico e consciente de seus deveres para com a realidade imediata, deve estar atento ao que a literatura, como representação da experiência humana, sinaliza. Por isso e com base na ampliação do sentido das duas histórias, o leitor deve levantar os olhos do texto e olhar à sua volta, seja a infância desprotegida que nem tem onde morar, seja a infância e adolescência que freqüentam os bancos escolares, mas que, pela nossa surdez e miopia, engrossam as estatísticas de repetência e evasão, porque não lhes ouvimos os pedidos de socorro nem enxergamos a escola árida que lhes estamos oferecendo.

Elaine Cristina Rodrigues Gomes Vidal é licenciada em Letras (USP), coordenadora pedagógica do Gruhbas Projetos Educacionais e Culturais.
Sueli de Oliveira Rocha é licenciada em Letras, editora dos jornais Bolando Aula, Bolando Aula de História e Subsídio, do Gruhbas Projetos Educacionais e Culturais, e coordenadora, na Baixada Santista, do Leia Brasil – ONG de promoção da leitura.

1 Dados de 2005 do Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB - dão conta que quase 55% dos alunos das quartas séries do Ensino Fundamental não conseguem ler ou escrever no nível esperado para sua série.
2 Fruto de uma parceria entre seis centros universitários com tradição em avaliação da educação – a PUC-Rio, a UFMG, a UNICAMP, a UFBA, a UFJF e a UEMS –, o Geres é uma pesquisa com duração de quatro anos, realizada a partir de 2005 em cinco cidades brasileiras: Belo Horizonte, Campinas, Salvador, Campo Grande e Rio de Janeiro. Acompanha a evolução da aprendizagem em Leitura e Matemática de alunos do Ensino Fundamental (Fonte. geres.ufmg.br). A pesquisa avaliou vinte mil alunos no início e no fim do 2º e 3º anos do ensino fundamental de nove anos, concluindo que os alunos aprendem a ler e a escrever as palavras mas não sabem interpretar um texto ou articular as idéias em uma redação simples (Fonte: Revista Época, 25/06/07). Um dos fatores que contribui para isso é a ausência de bibliotecas escolares, nas quais o aluno possa interagir com diferentes materiais de leitura, como livros, revistas, tabelas etc., o que contribuiria para a sua autonomia na leitura e na escrita. Apenas 53% dos alunos têm acesso a bibliotecas, de acordo com os dados do Censo Escolar/2003 (Fonte inep.gov.br).

Um Caso Todo Particular: Andersen e Dostoievski

Eliana Yunes

Não foi sem susto que descansando das leituras do poeta dinamarquês, abri uma coletânea de contos do romancista russo e me chamou atenção um título que ainda não havia lido: A árvore de Natal na casa do Cristo. Como seleciono leituras de Natal anualmente, debrucei-me atentamente. À medida que os parágrafos deslizavam sob meu olhar, eu me tornava incrédula perguntando a mim mesma velhas questões que Borges desmoralizou no século XX: estou diante de um plágio? Ou a apropriação contemporânea teria acontecido avant le temps? Eu estava diante de uma versão masculina de A pequena vendedora de fósforos, de Andersen. Como seria possível?

Iniciei nova pesquisa: o conto de Andersen é de 1846 e o de Dostoievski, de 1865. O conto de Andersen podia estar traduzido ao francês e ao alemão e o escritor russo tê-lo lido por este tempo. Tendo começado a escrever em 1845, só em 1862, Fiodor veio a este lado do Ocidente, a Paris precisamente. Mas diante de sua obra monumental, de sua irrefutável originalidade, não se tem motivo para esta suspeita. Haveria um fundo tradicional comum, no folclore europeu? Alguma tradição eslava partilhada com escandinavos de parte a parte? Perguntas, perguntas...

Enquanto as respostas não vêm, dediquei-me ao velho exercício da literatura comparada, pondo as obras face a face, sob paráfrases:

A pequena vendedora de fósforos.

Trata-se de uma órfã de mãe, menina que, na noite de Ano Bom, está na rua onde neva, descalça e com frio, tentando vender fósforos para cumprir ordens do pai que a obrigava trabalhar, diante da miséria que partilhavam numa casa sem forro e aquecimento.

Sente o cheiro que os assados exalam através das frestas das janelas iluminadas e senta-se num ângulo entre duas casas para se proteger do vento gélido.

Não resiste e risca um fósforo para aquecer os dedos e logo se imagina frente a uma lareira aquecida que desaparece com o apagar da pequena chama.

O segundo fósforo, riscado contra a parede, a torna transparente a seus olhos e ela vê uma mesa posta, de toalha alva com um ganso assado que cambaleia em sua direção, até que a luz se apague.

Agora o novo fósforo a coloca aos pés de uma árvore mais linda do que a que vira no ano anterior na casa de um rico negociante, cheia de lâmpadas que ela tenta alcançar... quando a chama se vai. As luzesinhas sobem até que ela reconhece as estrelas cintilantes na noite límpida. Um risco de fogo lhe parece uma estrela cadente e lembra a avó que tanto queria e já morrera, a dizer-lhe que aquele é o sinal da subida de alguém aos céus.

Outro fósforo e é a imagem da avó que lhe aparece. Ela sabe perfeitamente que com a luz, ela também fenecerá. Risca então, desesperada, todos os fósforos, tentando reter a avó. Esta a toma nos braços e a recolhe para onde não há mais frio, nem fome, para junto de Deus.

No dia seguinte, encontram seu corpo frio e logo deduzem que morrera tentando aquecer-se com os fósforos, na última noite do Ano Velho.

O narrador compõe o desfecho dizendo que ninguém podia adivinhar suas alegrias com a velha avó, no Ano Novo.

Uma árvore de Natal na casa de Cristo.

O cenário inicial é o de um porão frio e úmido onde uma criança, um menino, insiste junto a um catre para que sua mãe se levante e lhe dê comida. Ela não se move, já fria, e ele ganha a rua, quando a noite cai e seus dedinhos gelam.

As pessoas se apressam, fugindo da neve e ele tem muita fome. Entra numa rua larga, iluminada, e logo descobre atrás das vidraças crianças que brincam, árvores de Natal altas e iluminadas, bolos de todas as qualidades, gente que entra e sai.

Faminto, com os dedos doendo, entra numa porta e é repelido com uma esmola que ele não consegue reter entre os dedos duros. Ele corre soprando os dedos, sem destino.

Uma multidão contempla uma vitrina onde bonecos se movimentam como gente e ele se põe a rir quando descobre o jogo.Um moleque maior aproveita a distração para derrubá-lo e roubar seu gorro. Ele cai, há um tumulto e de novo assoma o medo. Corre até dar com um pátio e atrás de um monte de lenha se esconde, encolhido.

Rapidamente lhe sobe um bem-estar, mãos e pés deixam de doer e ele parece estar ao pé de um fogão, ouvindo uma canção na voz da mãe que logo o convida a ver a árvore de Natal. Alguém se inclina e o abraça, enquanto uma claridade intensa se abre. Bonecas e meninos o cercam em seu vôo e ele distingue a mãe, com ar feliz

Quer saber onde estão e a mãe lhe explica que todos os anos há uma árvore montada para meninos e meninas que não tiveram na terra sua árvore, e que agora são como anjos, junto de Cristo, estes que morreram de fome e frio, acolhidos por Ele e suas mães.

Neste lugar, na manhã seguinte à do Natal, os porteiros descobrem o cadaverzinho no monte de lenha. Procuram e acham a mãe morta no catre do porão.

Não sabem que os dois se encontraram no céu, junto ao bom Deus, conclui o narrador.

Voltando à leitura, o paralelismo logo se estabelece.

O tempo é mesmo, tanto cronológico como psicológico nas cenas de delírio. O espaço, também, nas condições em casa e nas ruas de uma cidade grande, onde os contrastes entre o proletariado miserável e a burguesia abastada ficam evidenciados por ocasião de festas, como as de final de ano.

Ambos, o menino e a menina, têm mortos atrás de si, que vão adiante esperar o momento de acolhê-los nos braços, quando seus corpos não resistirem à fome e ao frio. A avó e a mãe os conduzirão a uma festa mais brilhante e definitiva no céu.

As duas crianças sofrem de modo diverso a indiferença dos ricos e são encontradas mortas "no dia seguinte". Em ambos os casos, os vivos não podem imaginar sequer a "ressurreição" que experimentam "junto ao bom Deus" – palavras finais dos dois narradores em terceira pessoa.

As histórias guardam morfologicamente e estruturalmente uma correspondência e têm o mesmo padrão de imagens e de desdobramento psicológico e social. O mesmo desfecho religioso se impõe com as mesmas expressões.

Entre o Natal e o Ano Novo, de Copenhague a São Petersburgo, a História era a mesma, na Europa do século XIX. Mas, e a ficção, por que deveria sê-lo?

A obra de Andersen demanda uma releitura em outra chave que não a tradicional, de contador de histórias para crianças, e merece ser retomado na linha crítica dos estudos de Kafka. Os despossuídos no mundo "real" criam, pela capacidade de imaginar, saídas alternativas que transformam poesia em pão. Justamente como conta Andersen, na autobiografia em 1855, a vinte anos de sua morte: Minha vida como um conto de fadas. Os contos verdadeiros foram pontuados por sua biografia.

Eliana Yunes é Doutora em Letras pela Puc-Rio, com Pós-Doutorado pela Universidade de Colônia. É professora do Departamento de Letras da PUC-Rio, Vice-Decana do CTCH e Co-coordenadora da Cátreda Unesco de leitura. Ensaísta, crítica, especialista na área de Leitura e Literatura Infantil, foi a criadora do PROLER.

Bibliografia:

ANDERSEN, H. C. Contos de Andersen. Trad. Gutton Hanssen. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 3 ed.
DOSTOIEVSKI, F. Noites Brancas e outras histórias. São Paulo: Martin Claret, 2004.

Ilustrações

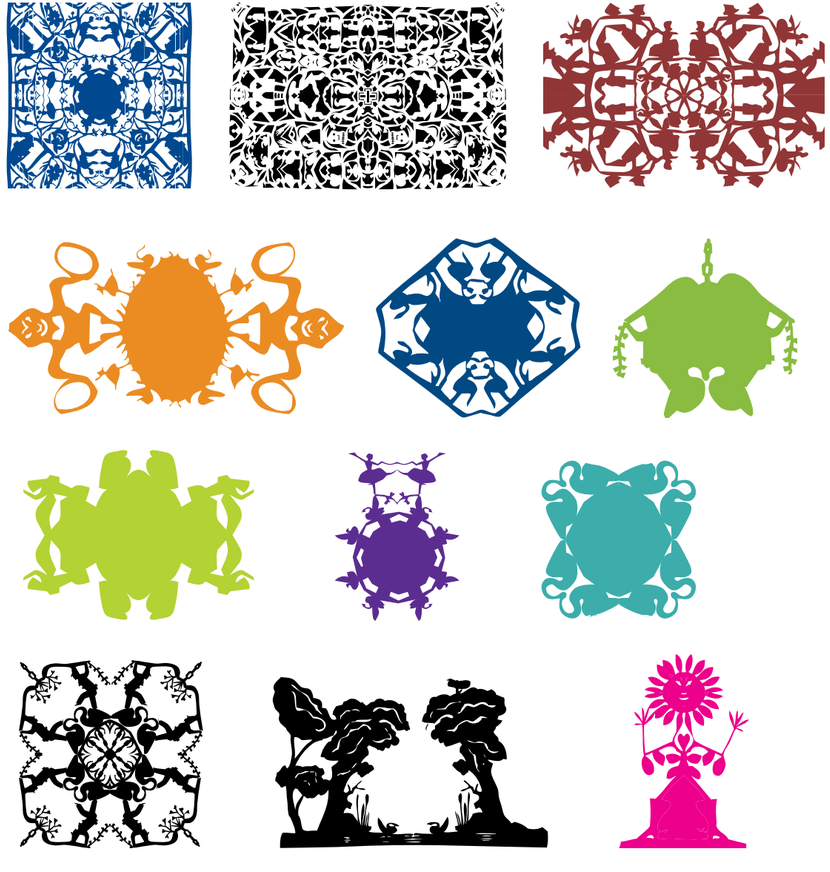
Angela Lago

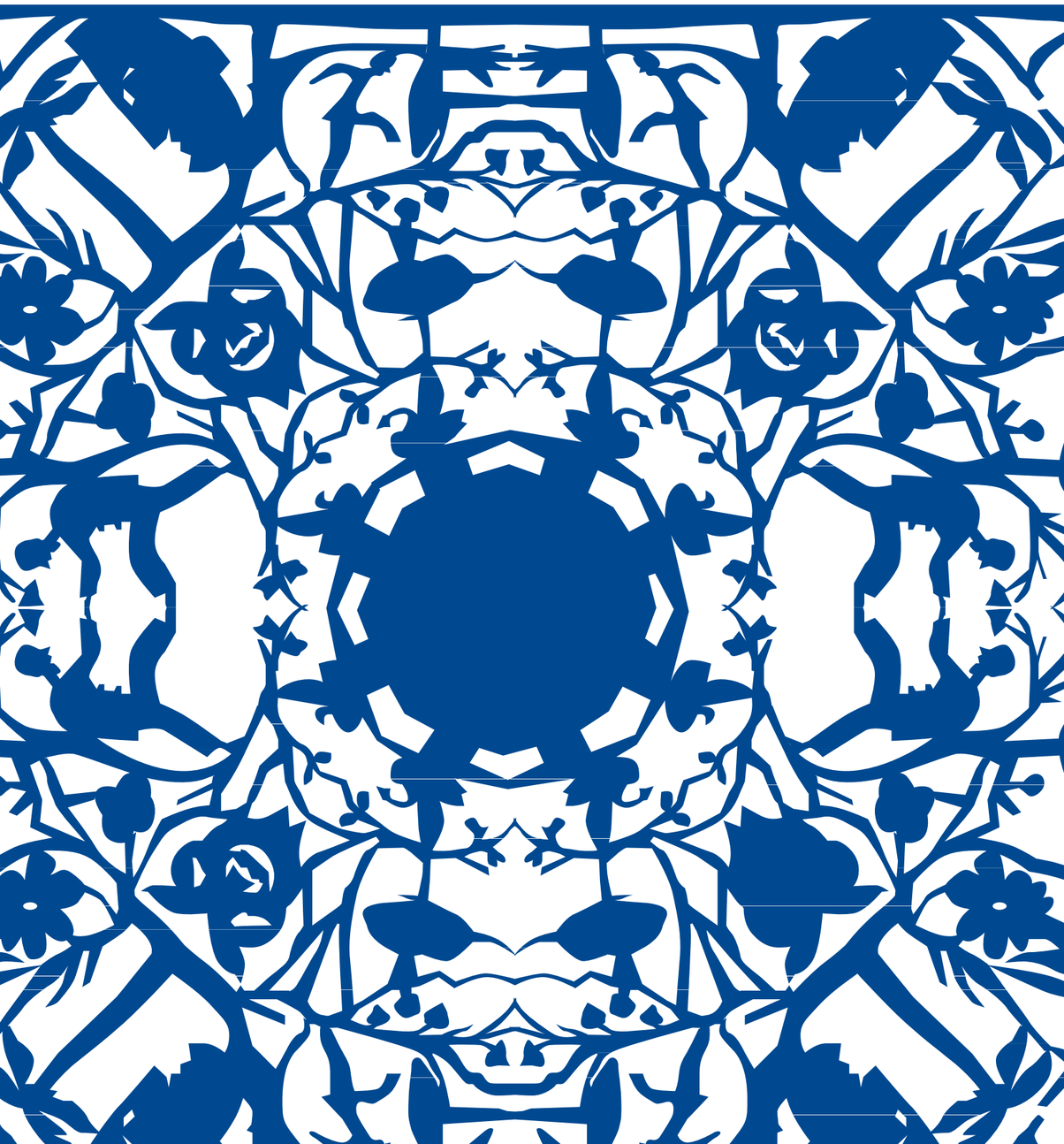
Elisabeth Teixeira

Celso Sisto

Roger mello

Recortes em papel feitos à mão por Andersen





ISBN 85-88089-01-7

9 788588 089013